

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CONSERVAÇÃO DA FAUNA

**CONHECIMENTO E PERCEPÇÕES DA DIVERSIDADE LOCAL DE MAMÍFEROS
POR COMUNIDADES RURAIS NA SUB-BACIA DO RIO GUAREÍ, SUDOESTE DE
SÃO PAULO.**

ISMAEL CORREA ROCHA

São Carlos - SP

2024

ISMAEL CORREA ROCHA

**CONHECIMENTO E PERCEPÇÕES DA DIVERSIDADE LOCAL DE MAMÍFEROS
POR COMUNIDADES RURAIS NA SUB-BACIA DO RIO GUAREÍ, SUDOESTE DE
SÃO PAULO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Conservação da Fauna da Universidade Federal de São Carlos, como requisito para obtenção do título de Mestre em Conservação da Fauna.

Orientador: Prof. Dr. Vinícius de Avelar São Pedro

São Carlos – SP

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Ciências da Natureza
Programa de Pós-Graduação em Conservação da Fauna

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Ismael Correa Rocha, realizada em 02/05/2024.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Vinícius de Avelar São Pedro (UFSCar)

Profa. Dra. Beatriz de Mello Beisiegel (ICMBio/CENAP)

Profa. Dra. Larissa Trierweiler Pereira (UNICAMP)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Conservação da Fauna.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a todos os entrevistados dos bairros: Arealzinho, Leites e Modestos, pelas conversas boas e prolongadas, muito obrigado pela disponibilidade pois sem vocês essa dissertação não aconteceria.

Minha enorme gratidão ao meu orientador Vinícius, fundamental nos momentos de decisões, principalmente na escolha do tema desse trabalho. A cada reunião eu percebia um potencial em mim que não me imaginava, graças ao seu jeito cuidadoso de ser.

Não posso deixar de agradecer à professora Dr^a Alexandra Sanches que foi quem me incentivou a fazer essa pós-graduação. E claro, ao PPGCFau pelas oportunidades e experiências incríveis proporcionadas.

Por fim, deixo aqui minha gratidão pela minha família que do seu jeito me apoiam e torcem por mim. Aos meus amigos que a graduação me deu e que hoje também são minha família, Ana Elisa, Ana Paula, Heloísa, Stefanie e Wesley, levo vocês para a vida. E a Deus, minha eterna gratidão!

RESUMO

A etnozootologia foca na elucidação da relação humano-fauna, nas percepções e no conhecimento humano adquirido sobre a fauna da Terra. Estudos etnozoológicos sobre mamíferos no Brasil são relativamente escassos e abordam principalmente inventários, caça e outros usos, deixando de lado aspectos da percepção humana sobre este grupo faunístico. A sub-bacia do rio Guareí, localizada no sudoeste do estado de São Paulo, apresenta características que valorizam o resgate de conhecimentos etnozoológicos locais, com comunidades rurais em meio a ambientes naturais relativamente preservados e com uma rica fauna. O presente estudo investigou os conhecimentos e percepções da população rural sobre a diversidade de mamíferos desta região. Para isso, foram feitas entrevistas semiestruturadas, entre abril e junho de 2023, com 30 moradores (10 mulheres e 20 homens) dos bairros rurais de Angatuba: Arealzinho, Modestos e Leites. Das 35 espécies de mamíferos com possível ocorrência na região, apenas o bugio-ruivo (*Alouatta guariba clamitans*) não foi citado por nenhum dos entrevistados como avistado na área de estudo. O público-alvo carrega costumes e tradições bem peculiares em relação ao convívio com os mamíferos da região. Hábitos como a caça e o consumo da carne desses animais continua vivo nos costumes ou nas memórias das pessoas, além do uso da carne e outras partes dos animais para fim medicinal e/ou em simpatias. Quanto às percepções dos moradores em relação aos mamíferos, muitos revelaram acreditar que os animais podem atacar, mas apenas quando são ameaçados. Alguns acreditam que os animais podem transmitir doenças tanto para os humanos quanto para os animais domésticos, além de trazerem prejuízos econômicos para a comunidade. Por fim, os entrevistados apresentaram uma considerável consciência ambiental, percebendo a importância da fauna e apontando os potenciais causadores da diminuição populacional dos animais, como o desmatamento, a caça e a introdução de espécies invasoras. O presente estudo gerou um primeiro panorama das comunidades rurais da sub-bacia do rio Guareí em relação as suas percepções quanto à dinâmica populacional dos mamíferos na região ao longo do tempo e à identificação de atividades humanas que podem ser adequadas visando a conservação das espécies.

Palavras-chave: Etnoecologia; Etnozootologia; Mastofauna; Conhecimento tradicional

ABSTRACT

Ethnozoology focuses on elucidating the human-wildlife relationship, perceptions and human knowledge acquired about Earth's faunal. Ethnozoological studies on mammals in Brazil are relatively scarce and mainly address inventories, hunting and other uses, leaving aside aspects of human perception of this faunal group. The Guareí River sub-basin, located in the southwest of the state of São Paulo, has characteristics that value the recovery of local ethnozoological knowledge, with rural communities amid relatively preserved natural environments and rich fauna. The present study investigated the knowledge and perceptions of the rural population about the diversity of mammals in this region. For this, semi-structured interviews were carried out, between April and June 2023, with 30 residents (10 women and 20 men) from the rural neighborhoods of Angatuba: Arealzinho, Modestos and Leites. Of the 35 mammal species with possible occurrence in the region, only the red-headed howler monkey (*Alouatta guariba clamitans*) was not mentioned by any of the interviewees as having been seen in the study area. The target audience carries very peculiar customs and traditions in relation to coexistence with mammals in the region. Habits such as hunting and consuming the meat of these animals are still alive in people's customs or memories, in addition to the use of meat and other parts of animals for medicinal and/or sympathetic purposes. About residents' perceptions regarding mammals, a strong interaction between them was noticed. Many revealed that they believe that animals can attack, but only when they are threatened. Some believe that animals can transmit diseases to both humans and domestic animals, in addition to bringing economic losses to the community. Finally, the interviewees showed a strong environmental awareness, realizing the importance of fauna and pointing out the potential causes of animal population decline, such as deforestation, hunting and the introduction of invasive species. The present study generated a first overview of rural communities in the Guareí River sub-basin in relation to their perceptions regarding the population dynamics of mammals in the region over time and the identification of behaviors that can be shaped with a view to conserving the species.

Keywords: Ethnoecology; Mastofauna; Traditional knowledge

LISTA DE FIGURA

Figura 1. Localização geográfica da área de estudo que corresponde aos limites dos bairros rurais, Arealzinho, Leites e Modestos, no município de Angatuba. Mapa criado com o software QGIS® (<https://QGIS.org>).

Figura 2. Imagem de satélite da área de estudo (azul) fazendo limite com a Estação Ecológica de Angatuba (vermelho), nas proximidades do rio Guareí (amarelo). Destaca-se o mosaico heterogêneo do uso e ocupação do solo da região, com a presença significativa de fragmentos de florestas nativas e plantadas.

Figura 3. Entrevista com morador do bairro dos Modestos.

Figura 4. Gráfico com as espécies de mamíferos avistadas na área de estudo pelos moradores.

Figura 5. Frequência de avistamentos dos mamíferos por parte dos entrevistados.

Figura 6. Último avistamento das espécies pelos entrevistados.

Figura 7. Período do dia em que os animais são ou eram avistados.

Figura 8. Locais em que os animais são frequentemente avistados.

Figura 9. Vestígios reconhecidos pelos entrevistados.

Figura 10. Mamíferos cuja carne já foi consumida pelos entrevistados.

Figura 11. Espécies citadas como causadoras de prejuízos econômicos e os tipos de prejuízos relacionados.

Figura 12. Espécies citadas pelos entrevistados como aquelas que podem atacar pessoas.

Figura 13. Espécies que tiveram um declínio populacional ao longo do tempo, segundo a percepção dos entrevistados.

Figura 14. Espécies que tiveram um aumento populacional ao longo do tempo, segundo a percepção dos entrevistados.

Figura 15. Mudanças na paisagem segundo a percepção dos entrevistados.

Figura 16. Fatores responsáveis pela diminuição populacional das espécies, segundo a percepção dos entrevistados.

Figura 17. Fatores responsáveis pelo aumento populacional das espécies, segundo a percepção dos entrevistados.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Espécies de mamíferos de médio e grande porte com potencial ocorrência na área de estudo.

Tabela 2. Espécies com nomes comuns mais citados.

Tabela 3. Espécies de mamíferos cujas partes são usadas para fim medicinal e/ou simpatias.

Sumário

1- INTRODUÇÃO	10
2- METODOLOGIA	13
2.1- Área de estudo	13
2.2- Coleta de dados e Público-alvo	16
2.3- Material para auxiliar na identificação dos mamíferos	18
3- RESULTADOS	19
3.1- Conhecimento da população sobre a mastofauna	20
3.1.1- Animais avistados	20
3.1.2- Frequência de avistamentos da mastofauna.	21
3.1.3- Período do dia e época do ano em que os animais são vistos	23
3.1.4- Ambientes de ocorrência das espécies.	24
3.1.5- Vestígios reconhecidos pelos entrevistados.	26
3.1.6- Nomes comuns atribuídos às espécies	27
3.2- Costumes tradicionais envolvendo os mamíferos	28
3.2.1- Consumo de carne de mamíferos silvestres	28
3.2.2- A caça na região	29
3.2.3- Uso de partes dos animais para finalidade medicinal ou simpatia.	29
3.2.4- Conhecimento tradicional, história ou lenda sobre esses mamíferos	30
3.3- Percepções dos entrevistados em relação aos mamíferos	30
3.3.1- Prejuízos econômicos que os animais trazem para a comunidade.	30
3.3.2- Percepção de risco de ataque aos humanos	31
3.3.3- Possíveis doenças transmitidas pelos animais.	32
3.3.4- Percepções sobre o tamanho populacional das espécies	32
3.3.5- Mudanças na paisagem e os impactos sobre a fauna.	34
4- DISCUSSÃO	37
4.1- Conhecimento da população sobre a mastofauna	37
4.2- Animais mais avistados e frequência dos avistamentos.	38
4.3- Período do dia e época do ano em que os animais são vistos	39
4.4- Ambientes de ocorrência das espécies.	40
4.5- Vestígios reconhecidos pelos entrevistados.	41
4.6- Costumes tradicionais envolvendo os mamíferos	41
4.6.1- Consumo de carne de mamíferos silvestres e a caça na região	42

4.6.2- <i>Uso de partes dos animais para finalidade medicinal ou simpatia.</i>	42
4.6.3- <i>Conhecimento tradicional, história ou lenda sobre esses mamíferos.</i>	43
4.7- <i>Percepções dos entrevistados em relação aos mamíferos.</i>	44
4.7.1- <i>Percepção de risco de ataque aos humanos.</i>	44
4.7.2- <i>Possíveis doenças transmitidas pelos animais e prejuízos econômicos que os animais trazem para a comunidade.</i>	44
4.7.3- <i>Percepções sobre o tamanho populacional das espécies.</i>	45
4.7.4- <i>Impactos sobre a fauna.</i>	47
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
6- REFERÊNCIAS	48
APÊNDICE A – Modelo do questionário semiestruturado que será usado nas entrevistas...64	
APÊNDICE B - Material auxiliar com imagens dos mamíferos da região	67
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.....	76

1- INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, a humanidade busca compreender os outros seres vivos, resultando na construção dos saberes, crenças e diferentes práticas culturais relacionadas à fauna (SANTOS-FITA; COSTA-NETO, 2007; ALVES, 2012). Os animais sempre representaram um importante recurso para os humanos, seja como fonte de alimento, medicamentos, matéria prima para vestimentas e artesanatos, na tração de equipamentos usados na agricultura, entre outras utilidades (DE REZENDE JORDÃO; FALEIROS; DE AQUINO NETO, 2011; ALVES, 2012). Além disso, foram estabelecidas relações mais estreitas, como a criação de animais de estimação (DE REZENDE JORDÃO; FALEIROS; DE AQUINO NETO, 2011; ALVES; SOUTO, 2015).

Dos diferentes campos das ciências sociais que buscam compreender o comportamento humano em relação ao ambiente em que vive, a etnozologia foca na elucidação da relação humano-fauna, nas percepções e no conhecimento humano adquirido sobre a fauna da Terra (ALVES; SOUTO, 2015; ALVES, 2017; DE SOUZA; PORFIRIO; HERRERA, 2019). Para Sax (2002) a relação homem e outros animais evoluiu muito antes das primeiras tentativas de representá-los nas artes e história. Os primeiros registros etnozoológicos na história da humanidade correspondem às antigas pinturas rupestres que ilustram cenas de caça e outras interações homem-animal. Já alguns documentos escritos de antigas civilizações (e.g. Grécia, Egito e Ásia) trazem informações mais precisas das múltiplas formas de interação entre os seres humanos e os outros animais (ALVES, 2012; ALVES; SOUTO, 2015; ALVES; SOUTO; ALBUQUERQUE, 2018).

A partir do início do século XVI, naturalistas e exploradores se espalharam pelo globo em suas expedições, registrando atividades como a caça e a pesca por populações nativas e outros usos dos animais. É neste período que a etnozologia e a zoologia ganharam força e começaram a se destacar como áreas específicas da ciência. Portanto, ambas estão intimamente ligadas e, historicamente, os registros etnozoológicos sempre faziam parte de pesquisas mais amplas dentro da zoologia (ALVES; SOUTO, 2015; ALVES, 2017). Apenas no final do século XIX é que foi registrada a primeira publicação inteiramente relacionada à etnozologia, por Stearns (1889), onde ele relatava o uso de conchas como dinheiro. O termo etnozologia foi primeiramente citado no final do século XIX por Mason (1899), no capítulo intitulado como, “Aboriginal American Zoötechny”, onde ele relata a investigação de caça de alguns povos

indígenas norte-americanos e diz que toda a fauna de uma dada região, direta ou indiretamente, entra na vida e pensamento de um povo (SANTOS-FITA; COSTA-NETO, 2007).

No Brasil, embora haja registros da interação homem-animal desde a literatura colonial (PISO *et al.*, 1957), as pesquisas etnozoológicas de fato são bastante recentes, com destaques aos estudos desenvolvidos por pesquisadores do nordeste do Brasil (COSTA NETO, 2003; ALVES; SOUTO, 2011). Costa-Neto (2000) ressalta em sua revisão que o período entre 1996 a 1999 se destaca no progresso da ciência etnozoológica nacional. Isso se deu concomitantemente com a fundação da Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia (SBEE) em 1996. Mas foi no início do século XXI que a produção de artigos científicos atingiu números mais expressivos (ALVES; SOUTO, 2011).

Diante da megadiversidade do país, da ampla utilização da fauna silvestre e da importância que ela representa como recurso, o número de estudos etnozoológicos de qualidade no Brasil ainda é muito baixo (ALVES; GONÇALVES; VIEIRA, 2012). Embora o Brasil esteja entre os países que mais realizam estudos etnozoológicos no mundo, representando 44% (n= 78 documentos) de toda produção científica na área para o ano de 2019, ainda há uma carência de estudos principalmente na região centro-sul, com aplicações práticas diretas para a conservação da fauna (ALVES; SOUTO, 2011; OLIVEIRA, 2020).

Um importante grupo taxonômico em estudos etnozoológicos é o dos mamíferos, devido aos muitos tipos de interações possíveis entre esses animais e os humanos (CULLEN JR; BODMER; PÁDUA, 2000; MENDONÇA *et al.*, 2011; ALVES, GONÇALVES, VIEIRA, 2012). O Brasil é o país com a maior diversidade de mamíferos no mundo, com 734 espécies descritas (RIOS *et al.*, 2019), muitas delas ameaçadas de extinção em consequência de ações antrópicas, como destruição e fragmentação de habitat, caça indiscriminada e a dispersão de espécies invasoras (NEGRÃO; VALLADARES-PÁDUA, 2006; CEBALLOS *et al.*, 2015; BRASIL, 2018). Estudos etnozoológicos representam uma ferramenta importante para mitigar e reverter tal situação de ameaça, pois, além de contribuírem na elaboração de inventários da mastofauna, o conhecimento das relações existentes entre homem-animal, é essencial para compreender as ameaças e propor medidas de conservação mais eficazes (ROCHA-MENDES, *et al.*, 2005; PIRES, 2010; RIOS, 2019). Considerar o patrimônio natural e cultural de populações que exploram diretamente os recursos naturais e, assim, assumi-las como gestoras desses recursos, pode viabilizar a implementação de modelos de manejo sustentável mais adaptados e com maior chance de sucesso (DE LIMA; FLORÊNCIO; DOS SANTOS, 2014).

Estudos etnozoológicos sobre mamíferos no Brasil são relativamente escassos e abordam principalmente temas como inventários de espécies (ROCHA-MENDES *et al.*, 2005;

BRAGA *et al.*, 2018), caça (VOGLIOTTI, 2003; ROCHA-MENDES *et al.*, 2005; DE ANDRADE MELO *et al.*, 2015; PRADA; XAVANTE, 2021) e usos da mastofauna como recurso alimentar e medicinal, artesanato e simbólico (DE MELO *et al.*, 2014; BONIFÁCIO; FREIRE; SCHIAVETTI, 2016; DA SILVA SANTOS *et al.*, 2019). Tais estudos são de grande relevância sócio-ambiental pois permitem conhecer a relação existente entre a população local e a fauna, além de terem o potencial de contribuir com a compreensão dos impactos à biodiversidade e assim fomentar estratégias específicas para a conservação ambiental (ROCHA-MENDES *et al.*, 2005).

No estado de São Paulo, os estudos etnozoológicos estão principalmente associados a comunidades caiçaras próximas ao litoral (SEIXAS; BEGOSSI, 2001; HANAZAKI; ALVES; BEGOSSI, 2009; PRADO *et al.*, 2017; DO PRADO; RAMIRES, 2020; PRADO *et al.*, 2020) enquanto muito pouco se sabe sobre as relações entre a fauna e comunidades rurais no interior do estado.

A sub-bacia do rio Guareí, localizada no sudoeste do estado de São Paulo, apresenta características que valorizam o resgate de conhecimentos etnozoológicos locais. Trata-se de uma região com índices de urbanização relativamente baixos, onde predominam municípios pouco populosos, com comunidades rurais numerosas e tradicionais. As principais atividades econômicas estão intrinsecamente relacionadas aos ambientes naturais, tais como agropecuária e silvicultura. A região está inserida na bacia do Alto Paranapanema, que é uma das que retém maior porcentagem de cobertura vegetal nativa no estado de São Paulo, abrigando importantes remanescentes de Mata Atlântica e Cerrado (CBH-ALPA, 2021). Estes biomas estão entre os *hotspots* mundiais para conservação da biodiversidade (MYERS *et al.*, 2000), que constituem áreas com destacada biodiversidade, alto índice de espécies endêmicas e altamente ameaçadas. Apesar do potencial para abrigar uma significativa biodiversidade, a fauna da região em questão ainda é relativamente pouco conhecida, e o conhecimento sobre os mamíferos se limita a levantamentos pontuais e de curto prazo (MONTEIRO; PRADO; DIAS, 2009), além de estudos específicos com o mico-leão-preto (MEDICI *et al.*, 2001) e a lontra neotropical (DIAS, 2016). Desta forma, a realização de estudos etnozoológicos na região podem não apenas ajudar a preencher lacunas de conhecimento básico sobre a fauna, como também dar suporte à adequação das atividades econômicas locais buscando práticas mais sustentáveis.

Para que estratégias de conservação da fauna sejam eficazes, é fundamental considerar os efeitos dos usos humanos dos animais e suas diferentes relações (ALVES; SOUTO, 2015; SOLIS; CASAS, 2019; RIOS *et al.*, 2019). A conservação da biodiversidade precisa estar intimamente associada ao conhecimento local e tradicional, portanto, os esforços

conservacionistas devem integrar as comunidades locais para o seu êxito. Esse é o desafio para os etnobiólogos: quebrar as barreiras que existem entre as políticas ecológicas e as formas culturais para promover a conservação (WOLVERTON; NOLAN; AHMED, 2014). Nesse sentido, é importante voltar a atenção para as comunidades rurais, nos lugares mais remotos onde a interação homem-natureza ainda é mais forte, na busca do entendimento e respostas para muitas questões que a ciência enfrenta, principalmente no que diz respeito à conservação (ALVES; SOUTO, 2015).

O objetivo deste estudo foi investigar, através de entrevistas semiestruturadas, o conhecimento e as percepções sobre a mastofauna por moradores de comunidades rurais próximas ao rio Guareí, com especial atenção à composição de espécies e como esta varia no espaço geográfico e ao longo do tempo.

2- METODOLOGIA

2.1- Área de estudo

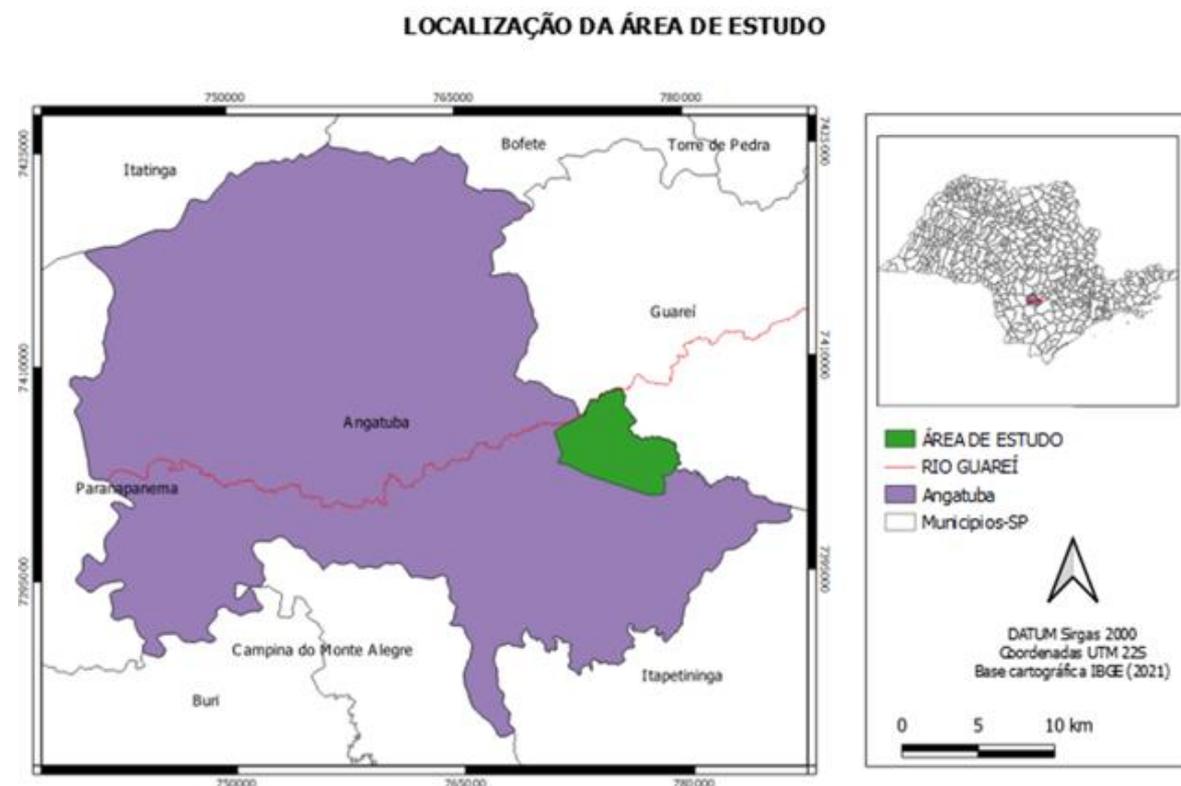
A pesquisa foi realizada em três comunidades rurais (Arealzinho, Leites e Modestos) próximas ao rio Guareí, no município de Angatuba, sudoeste de São Paulo (Figura 1). O rio Guareí tem sua nascente no município de Guareí e deságua na represa de Jurumirim, em Paranapanema, mas quase a totalidade de sua bacia engloba o território angatubense (porção média até a foz) (HENRY, 2012; FULAN; HENRY, DAVANSO, 2012).

A sub-bacia do rio Guareí está situada na região do Alto Paranapanema (AZEVEDO-SANTOS, 2020), que mantém cerca de 20% de sua área coberta por vegetação natural remanescente e que apresenta zonas de transição dos biomas, Mata Atlântica e Cerrado (CBH-ALPA, 2021). Os bairros investigados no presente estudo estão situados próximos à porção média do rio Guareí (HENRY, 2012). Em relação ao uso do solo na região, destaca-se principalmente a pecuária e a agricultura (CBH-ALPA, 2021).

Até meados do século XVIII, a cidade de Angatuba foi uma importante região mediadora entre o gado do sul do país e de Minas Gerais, voltada principalmente ao atendimento dos tropeiros e mineradores. Sua população era constituída por brancos fazendeiros, posseiros, grileiros e caboclos. Com a urbanização emergente por volta do ano de 1810, a cidade recebe o acréscimo de escravos como moradores e posteriormente, com a grande mobilização de mineiros à província de São Paulo, a cidade acolhe em seu território famílias oriundas do sul de Minas Gerais (LISBOA, 2002).

Ambos os bairros, dos Leites e Modestos, estão situados na região limítrofe à Estação Ecológica de Angatuba (EEcA) (Figura 2), um importante local de refúgio e fonte para a mastofauna da região à margem do rio Guareí (TORICELLI, 2018). Atualmente, os Bairros dos Leites e dos Modestos são constituídos principalmente por pequenas propriedades rurais, com diferentes usos da terra, como agricultura e pecuária, para o consumo próprio. Mas, a atividade que prevalece é a criação de gado leiteiro e comercialização do leite como geração de renda (GARCIA; PRADO, 2019). Segundo uma pesquisa realizada por Garcia e Prado (2019) o perfil dos moradores da região é de famílias lideradas por uma figura masculina responsável pelo sustento dos demais e desse público que participaram da pesquisa, a maioria não chegou a concluir o ensino fundamental. O Bairro do Arealzinho é composto por pequenas propriedades rurais, onde prevalece o arrendamento de suas terras para a gramicultura e silvicultura, além de criação de gado e agricultura para produção familiar em menor proporção. A maioria das famílias trabalha em empresas de cultivo de laranja ou de silvicultura da região (I.C.ROCHA com. pess.).

Figura 1. Localização geográfica da área de estudo que corresponde aos limites dos bairros rurais, Arealzinho, Leites e Modestos, no município de Angatuba. Mapa criado com o software QGIS® (<https://QGIS.org>).



Fonte. Autoria própria.

Figura 2. Imagem de satélite da área de estudo (azul) fazendo limite com a Estação Ecológica de Angatuba (vermelho), nas proximidades do rio Guareí (amarelo). Destaca-se o mosaico heterogêneo do uso e ocupação do solo da região, com a presença significativa de fragmentos de florestas nativas e plantadas.



Fonte. Google Earth (2023)

O conhecimento sobre a mastofauna da região é escasso, sendo que o único inventário deste grupo na região foi realizado dentro dos limites da Estação Ecológica de Angatuba (EEcA), em um estudo de médio prazo (fevereiro de 2007 a fevereiro de 2009). Nesse inventário foram registradas 26 espécies de mamíferos de médio e grande porte, distribuídos em 15 famílias (MONTEIRO; PRADO; DIAS, 2009). Outros estudos com a mastofauna da região abordaram especificamente o mico-leão-preto (*Leontopithecus chrysopygus*) (MEDICI *et al.*, 2001) e a lontra neotropical (*Lontra longicaudis*) (DIAS, 2016).

Poucos são os estudos etnobiológicos realizados na região. Há estudos por exemplo em etnoecologia, explorando as práticas de produção tradicionais e o conhecimento ambiental entre produtores rurais da região (SANTI; PRADO, 2022), etnomicologia, investigando o conhecimento popular sobre a espécie de fungo *Phlebotopus beniensis* (PRADO-ELIAS *et al.*, 2024) e outros com abordagem etnozoológica, como a avaliação do conhecimento popular local sobre a ecologia da lontra Neotropical (*Lontra longicaudis*) e percepções sobre a espécie

(DIAS, 2016), além do diagnóstico da educação e conservação ambiental local, tendo como público alvo os jovens da região (TORICELLI, 2018).

2.2- Coleta de dados e Público-alvo

O conhecimento etnozoológico das comunidades estudadas foi levantado a partir de entrevistas de caráter qualitativo com os moradores (Figura 3), as quais foram baseadas em questionários semiestruturados (Apêndice A) (DRUMOND; GIOVANETTI; GUIMARÃES, 2009). As 25 questões abordadas visaram investigar o conhecimento e as percepções da população sobre a mastofauna da região. O público-alvo consistiu em pessoas de ambos os sexos com, no mínimo, 40 anos e que residam nos bairros desde a infância. A escolha desse perfil buscou proporcionar uma visão temporal de longo prazo da composição da mastofauna da região e avaliar percepções sobre fenômenos como extinção local ou aumento/declínio populacional de determinadas espécies, bem como, o entendimento da população acerca dos eventuais motivos desses fenômenos.

A pesquisa ocorreu mediante a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de São Carlos sob número 67493422.3.0000.5504 e com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), disponível do Apêndice C, por parte dos entrevistados.

Figura 3. Entrevista com morador do bairro dos Modestos.



Fotografia: autoria própria.

As entrevistas ocorreram entre os dias 20 de abril e 19 de junho de 2023 e foram gravadas em áudio com o uso de um smartphone com aplicativo para gravação. As respostas específicas de cada entrevistado também foram registradas em uma planilha. Ao todo foram entrevistadas 30 pessoas (20 homens e 10 mulheres). A princípio, foi estabelecido que 50% dos entrevistados seriam homens e outra metade mulheres, porém no momento da prospecção, encontrou-se muita resistência das mulheres para cederem à entrevista. A média de idade dos entrevistados foi de 59,3 anos, onde o mais jovem tinha 43 anos e o mais velho 81. A maioria (80%) possui pouca escolaridade, concluíram os primeiros anos do Ensino fundamental, outros 10% estudaram até a oitava série (atual nono ano do fundamental), apenas uma pessoa concluiu o ensino médio depois de adulta e outras duas (6,7%) se declararam analfabetas. Em relação ao trabalho, apenas cinco (16,7%) declarou trabalhar com carteira assinada, doze (40%) são aposentados e os demais (43,3%) trabalham sem carteira assinada. Referente as profissões dos entrevistados, agricultor/pecuarista representou a maioria (46,7%) seguido da profissão de doméstica (23,3%), embora as mulheres também disseram ajudar seus maridos nas atividades

rurais. Os demais (30%) responderam outras profissões e trabalham fora, mas que mesmo assim mantêm atividades de subsistência em suas propriedades.

2.3- Material para auxiliar na identificação dos mamíferos.

Para auxiliar a correta identificação dos animais mencionados durante as entrevistas, foi apresentado aos entrevistados um material com imagens das principais espécies de mamíferos de médio e grande porte com potencial ocorrência na região (Apêndice B), de acordo com metodologia usada por ROCHA-MENDES et al, 2005. Este material ilustrado foi preparado tomando como base o Checklist dos mamíferos do Estado de São Paulo (DE VIVO et al., 2011) e outros estudos com mamíferos da região (MEDICI et al., 2001; MONTEIRO; PRADO; DIAS, 2009; DIAS, 2016).

No total, 36 espécies de mamíferos de médio e grande porte foram consideradas na elaboração do material auxiliar usado nas entrevistas (Tabela 1), baseado em inventários, como o do plano de manejo da EEcA (MONTEIRO; PRADO; DIAS, 2009) e outros trabalhos com a mastofauna da região (MEDICI et al., 2001; DIAS, 2016). Para as análises dos resultados considerou-se uma única espécie de gambá (*Didelphis* sp.), considerando-se neste caso apenas a etnotaxonomia, ou taxonomia popular, (CLAUZET; RAMIRES; BEGOSSI, 2007), dada a constatação de que os entrevistados não fazem distinção entre as duas possíveis espécies (*Didelphis aurita* e *Didelphis albiventris*) de ocorrência na região.

Tabela 1. Espécies de mamíferos de médio e grande porte com potencial ocorrência na área de estudo.

Ordem/família	Nome científico	Nome popular	Status de conservação*
DIDELPHIMORPHIA			
Didelphidae	<i>Didelphis albiventris</i>	Gambá-de-orelha-branca	LC
	<i>Didelphis aurita</i>	Gambá-de-orelha-preta	LC
	<i>Caluromys philander</i>	Cuíca	LC
CINGULATA			
Dasypodidae	<i>Dasypus novemcinctus</i>	Tatu-galinha	LC
	<i>Euphractus sexcinctus</i>	Tatu-peba	LC
PILOSA			
Myrmecophagidae	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	Tamanduá-bandeira	VU
	<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá-mirim	LC
Bradypodidae	<i>Bradypus variegatus</i>	Bicho-preguiça-comum	LC

CARNIVORA			
Felidae	<i>Puma yagouaroundi</i>	Gato-mourisco	VU
	<i>Puma concolor</i>	Onça-parda	VU
	<i>Leopardus guttulus</i>	Gato-do-mato-pequeno	VU
	<i>Leopardus tigrinus</i>	Gato-do-mato	em
	<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguatirica	LC
Canidae	<i>Cerdocyon thous</i>	Cachorro-do-mato	LC
	<i>Chrysocyon brachyurus</i>	Lobo-guará	VU
	<i>Lycalopex gymnocercus</i>	Graxaim-do-campo	LC
	<i>Lycalopex vetulus</i>	Raposa-do-campo	VU
Mustelidae	<i>Eira barbara</i>	Irara	LC
	<i>Galictis cuja</i>	Furão-pequeno	LC
	<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra	LC
Procyonidae	<i>Nasua nasua</i>	Quati	LC
	<i>Procyon cancrivorus</i>	Mão-pelada	LC
PRIMATES			
Atelidae	<i>Alouatta guariba clamitans</i>	Bugio-ruivo	VU
Cebidae	<i>Sapajus nigritus</i>	Macaco-prego	LC
	<i>Leontopithecus chrysopygus</i>	Mico-leão-preto	EM
RODENTIA			
Sciuridae	<i>Guerlinguetus brasiliensis</i>	Serelepe	LC
Caviidae	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	Capivara	LC
	<i>Cavia aperea</i>	Preá	LC
Dasyproctidae	<i>Dasyprocta azarae</i>	Cutia	LC
Cuniculidae	<i>Cuniculus paca</i>	Paca	LC
Erethizontidae	<i>Sphiggurus villosus</i>	Ouriço	LC
ARTIODACTYLA			
Tayassuidae	<i>Dicotyles tajacu</i>	Cateto	LC
Suidae	<i>Sus scrofa</i>	Javali	LC
Cervidae	<i>Mazama gouazoubira</i>	Veado-catingueiro	LC
LAGOMORPHA			
Leporidae	<i>Lepus europaeus</i>	Lebre-europeia	LC
	<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Tapiti	LC

*BRASIL, 2018

EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | LC = De Menor Risco

3- RESULTADOS

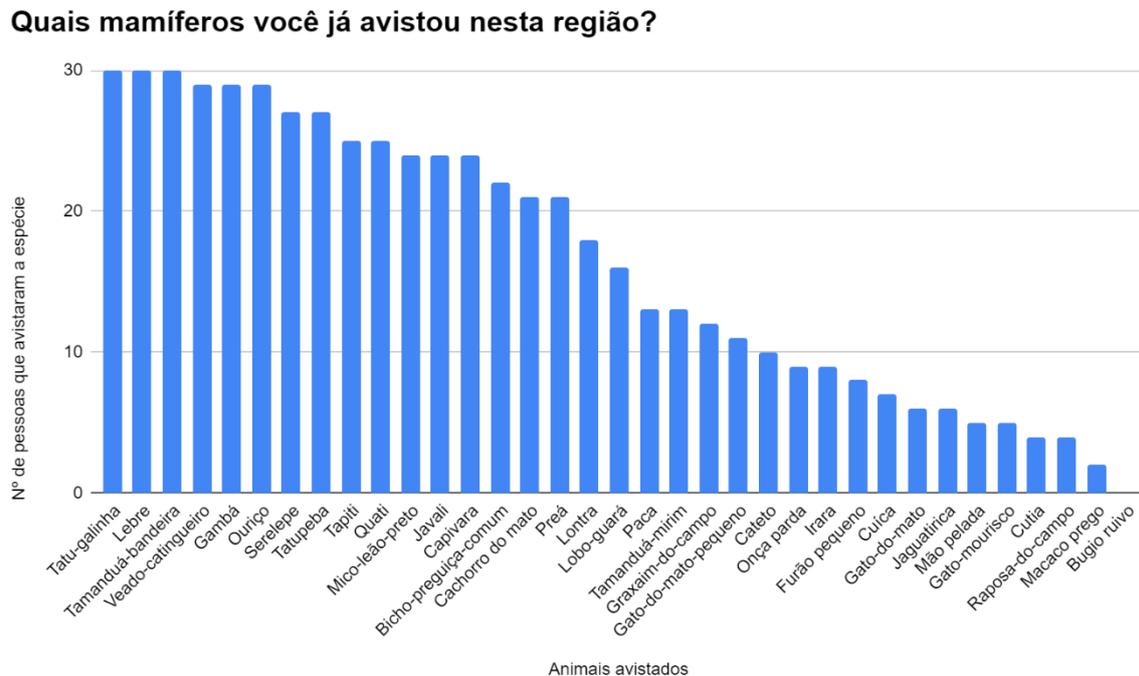
3.1- Conhecimento da população sobre a mastofauna

3.1.1- Animais avistados

Das 35 espécies de mamíferos com possível ocorrência na região de estudo, praticamente todas foram citadas por pelo menos um dos entrevistados, com exceção do bugio-ruivo (*Alouatta guariba clamitans*), que mesmo tendo sua ocorrência na região confirmada por levantamento prévio (MONTEIRO; PRADO, DIAS, 2009) e sendo reconhecido por alguns que disseram tê-lo visto em regiões próximas, não foi relatado como avistado dentro dos limites da área de estudo. Entre as espécies mais avistadas (Figura 4) por parte dos entrevistados, o tatu-galinha (*Dasybus novemcinctus*), a lebre-europeia (*Lepus europaeus*) e o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) foram citadas por todos os entrevistados (N=30, 100%), seguidos do gambá (*Didelphis* spp.), veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*) e ouriço (*Sphiggurus villosus*) (N=29, ~97%).

Em relação aos tatus, duas espécies (*Dasybus novemcinctus* e *Euphractus sexcinctus*) foram registradas previamente na região, durante o plano de manejo da EECA (MONTEIRO; PRADO, DIAS, 2009), área adjacente aos locais de estudo. Porém, outras duas espécies foram mencionadas durante as entrevistas, sendo elas o tatu-de-rabo-mole (*Cabassous tatouay*) e tatu-mulita (*Dasybus septemcinctus*) chamado pelos entrevistados de “tatu-mulinha”. Baseado no trabalho de (LIMA, 2012) a ocorrência das mesmas na área de estudo ainda é pendente de confirmação, pois os moradores mostraram incertezas na hora de caracterizá-las ou distingui-las das demais espécies.

Figura 4. Gráfico com as espécies de mamíferos avistadas na área de estudo pelos moradores.

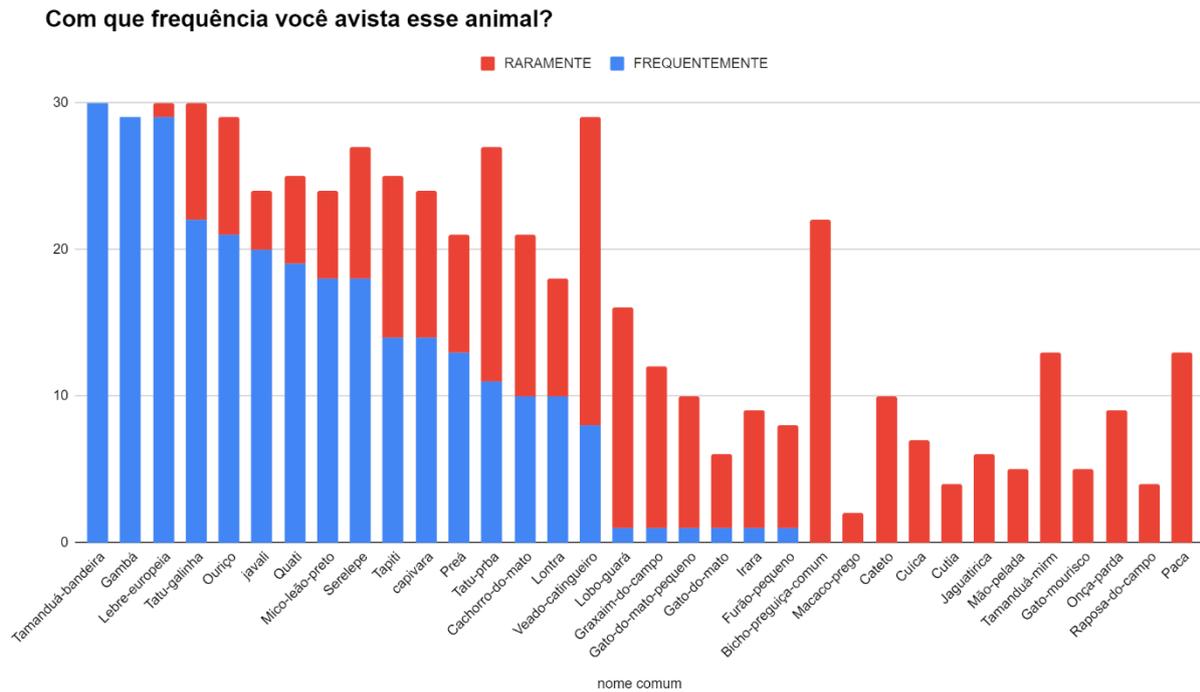


Fonte. Autoria própria.

3.1.2- Frequência de avistamentos da mastofauna.

No que diz respeito à frequência com que esses animais são avistados pelos moradores (Figura 5), o tamanduá-bandeira (*M. tridactyla*) e o gambá (*Didelphis spp.*) foram os animais em que todos os respondentes (N= 30) afirmaram ser frequentemente vistas, seguidas da lebre-europeia (*L. europaeus*), com 97% dos entrevistados (N= 29) dizendo ser frequente. Doze espécies foram apontadas exclusivamente como atualmente raras, sendo as mais citadas o bicho-preguiça-comum (*Bradypus variegatus*) (N= 22), a paca (*Cuniculus paca*) (N=13), o tamanduá-mirim (*T. tetradactyla*) (N=13) e o cateto (*Dicotyles tajacu*) (N=10).

Figura 5. Frequência de avistamentos dos mamíferos por parte dos entrevistados.

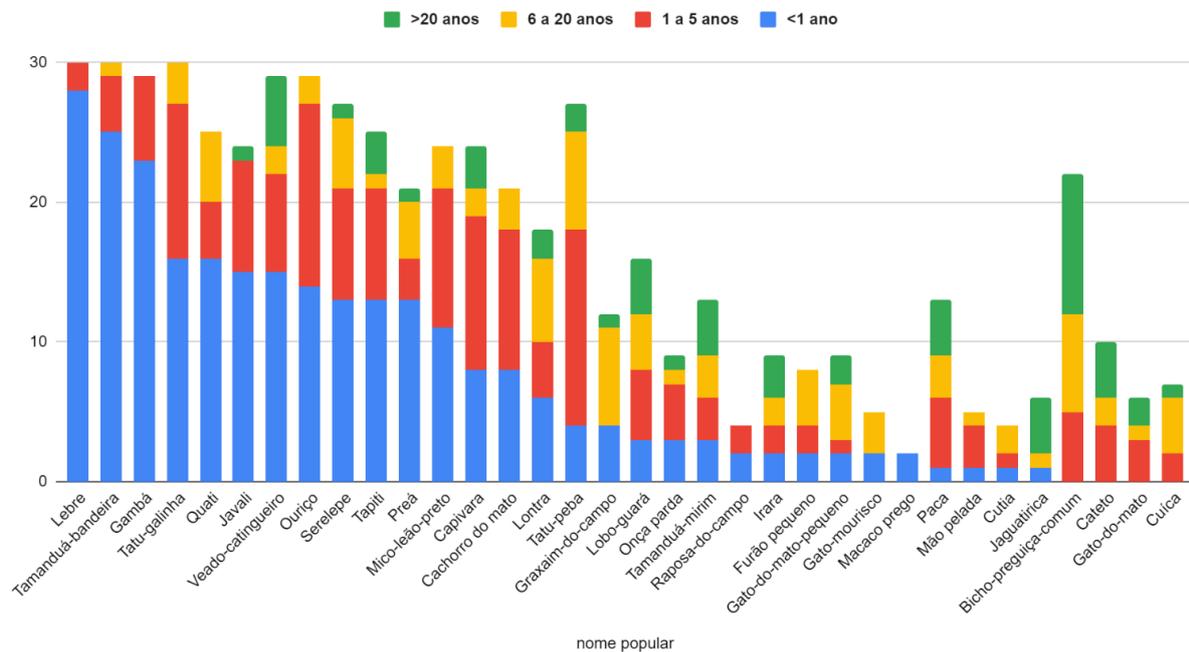


Fonte. Autoria própria.

Também foi perguntado sobre o quão recentemente esses animais foram avistados pelos entrevistados (Figura 6). Cerca de metade das espécies foi relatada como tendo mais avistamentos recentes (menos de 1 ano) ou pouco recentes (entre 1 e 5 anos). Destas a lebre (*L. europaeus*), o tamanduá-bandeira (*M. tridactyla*) e o gambá (*Didelphis spp.*) foram as espécies mais citadas com avistamentos recentes. A outra metade teve mais avistamentos antigos (entre 6 e 20 anos) ou muito antigos (mais de 20 anos), destacando-se o bicho-preguiça-comum (*B. variegatus*).

Figura 6. Último avistamento das espécies pelos entrevistados.

Qual a última vez em que avistou ou viu sinais deste animal?

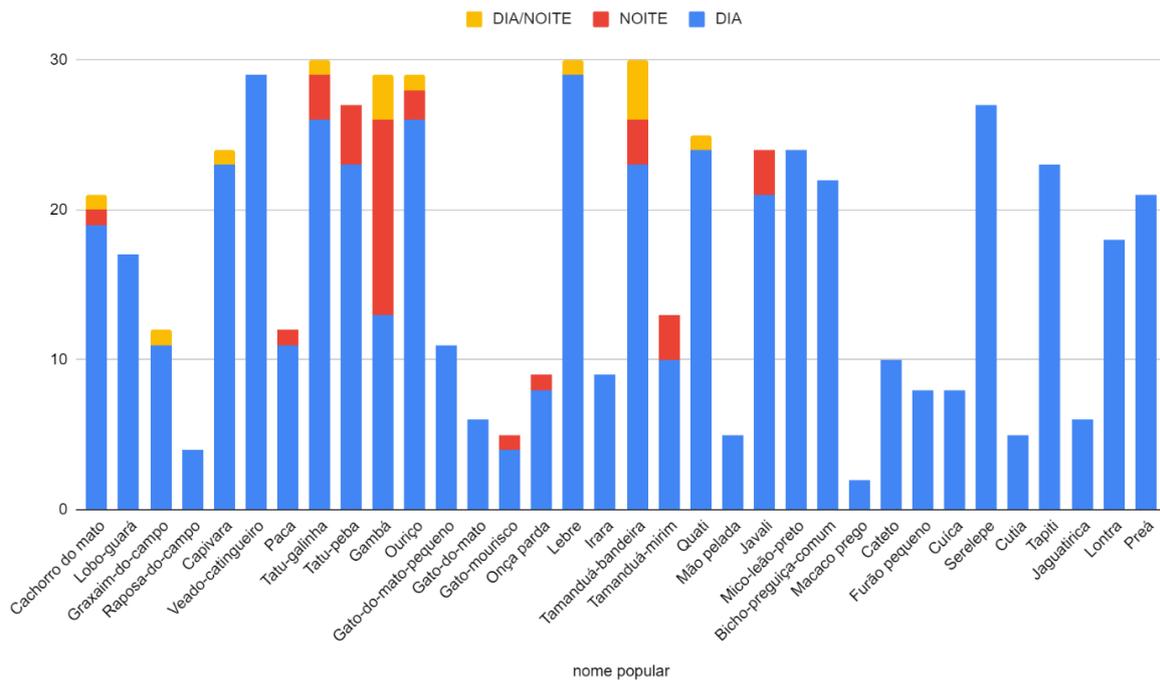


Fonte. Autoria própria.

3.1.3- Período do dia e época do ano em que os animais são vistos.

Quanto ao período do dia em que esses animais são ou eram avistados (Figura 7), foi predominante o período do dia (91,5%). Não houve uma espécie cujo avistamento foi exclusivamente noturno, mas 6,1% apareceram também como resposta de avistados durante a noite e outros 2,4% foram de espécies apontadas como vistas durante o dia e à noite.

Figura 7. Período do dia em que os animais são ou eram avistados.



Fonte. Autoria própria.

Sobre a principal época do ano (inverno/verão) para avistamento dos animais, a maioria dos entrevistados não souberam responder ou responderam que os animais são vistos durante o ano todo. Apenas quatro entrevistados (13,3%) revelaram percepções distintas, como em relação ao tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) ser mais avistado no início do inverno, ou a lebre-europeia (*L. europaeus*) ser mais comum no verão. Sobre o tamanduá-bandeira (*M. tridactyla*) duas pessoas divergiram em suas respostas, apontando o inverno e o verão respectivamente como período de maior avistamento, mas coincidiram ao afirmar que a espécie é mais avistada em noites de lua cheia.

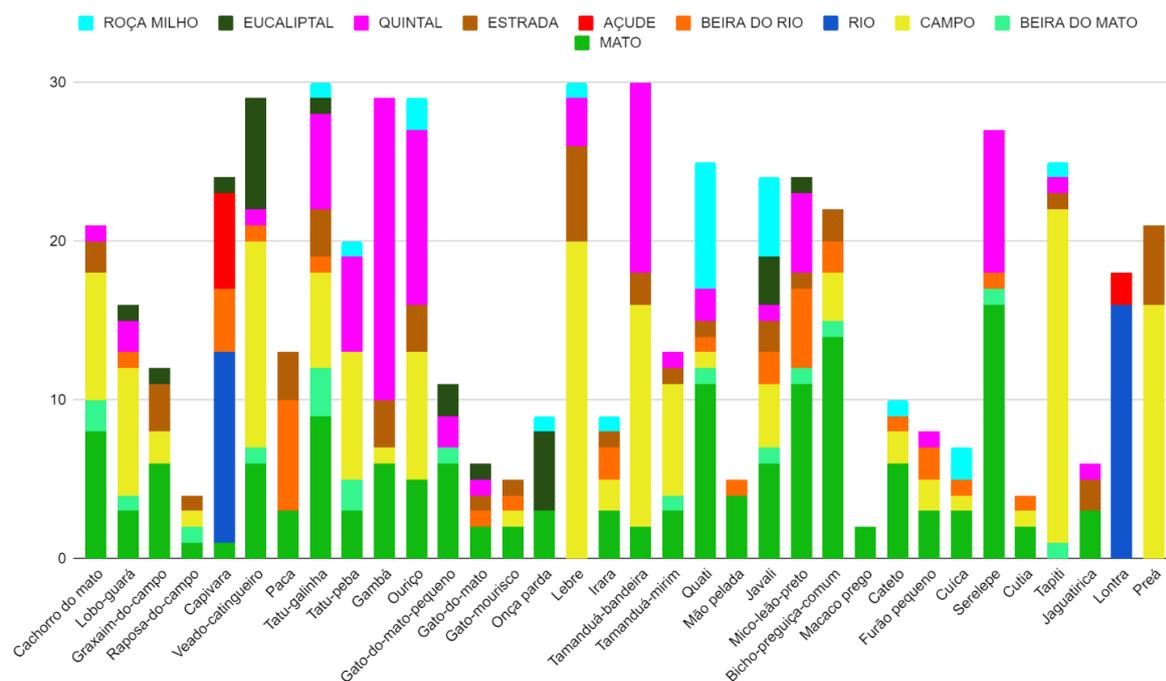
3.1.4- Ambientes de ocorrência das espécies.

Ao todo, dez ambientes foram espontaneamente citados (Figura 8). “Mato” foi o ambiente predominante nas respostas com 153 menções, seguido de “Campo” (N= 150), “Quintal” (N= 85) e “Estrada” (N= 44). A lebre-europeia (*L. europaeus*) e o tapiti (*S. brasiliensis*) apresentaram muita similaridade nos ambientes em que são avistados (“Campo”, “Estrada”, “Quintal” e “Roça de milho”) mas com “Beira do mato” também aparecendo para o tapiti (*S. brasiliensis*). Outros animais em que o ambiente “Mato” não apareceu nas respostas foram o preá (*Cavia aperea*) (“Campo” e “Estrada”) e a lontra (*Lontra longicaudis*) (“Rio” e “Açude”). “Quintal” foi um ambiente bastante citado, tendo sido mencionado por todas as

mulheres entrevistadas (N = 10). Os animais mais relacionados aos flagrantes nos quintais foram, o gambá (*Didelphis* spp.) (N= 19), o tamanduá-bandeira (*M. tridactyla*) (N= 12) e o ouriço (*S. villosus*) (N= 11).

Em relação à riqueza de espécies por ambientes, “Mato” somou um total de 30 espécies nele associadas, onde as mais citadas foram o serelepe (*Guerlinguetus brasiliensis*) (N=16) que representa cerca de 59,2% dos ambientes a ele associado e o bicho-preguiça-comum (*B. variegatus*) (N=14) representando cerca de 63,6%. “Campo” aparece em seguida com um total de 23 espécies relacionadas e as mais citadas foram, o tapiti (*S. brasiliensis*) (21 vezes) representando 84% dos ambientes associados à espécie, a Lebre-europeia (*L. europaeus*) (20 vezes, ~66,7%) e o preá (*Cavia aperea*) (16 vezes, ~76,2%). Os demais ambientes que aparecem com maior riqueza de espécies são “Quintal” (19 espécies) com o gambá (*Didelphis* spp.) citado 19 vezes, seguido pelo tamanduá-bandeira (*M. tridactyla*) (N= 14), a “Estrada” (19 espécies) com a lebre-europeia (*L. europaeus*) citada 6 vezes, “Beira do rio” (18 espécies), em que a paca (*Cuniculus paca*) foi citada 7 vezes, seguida do mico-leão-preto (*Leontopithecus chrysopygus*) (5 vezes), e “Beira do mato” (14 espécies), com tatu-galinha (*D. novemcinctus*) citado 3 vezes. “Eucaliptal” apresentou um total de 10 espécies associadas, “Roça de milho” (N= 11), “Rio” e “Açude” contaram com duas espécies cada.

Figura 8. Locais em que os animais são frequentemente avistados.

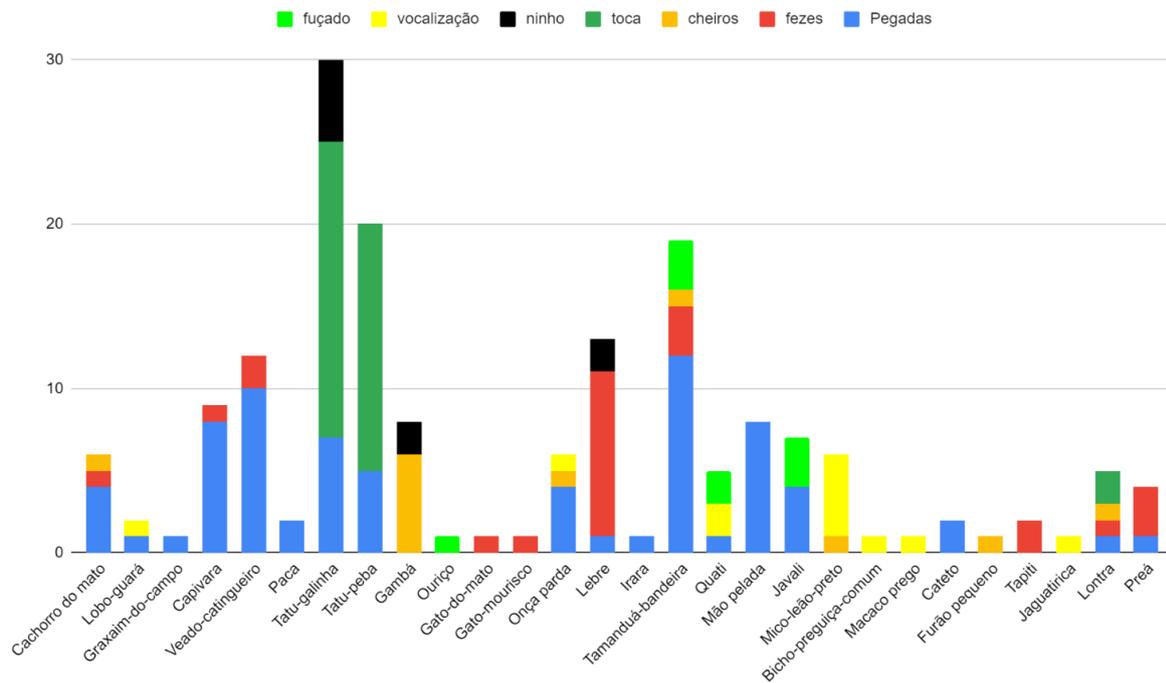


Fonte. Autoria própria.

3.1.5- Vestígios reconhecidos pelos entrevistados.

Foram relatados pelos entrevistados 7 diferentes tipos de vestígios relacionados a um total de 28 espécies (Figura 9). Desses, as pegadas lideraram com um total de 73 menções, abrangendo um total de 18 espécies, que representa cerca de 42,2% dos vestígios citados. As tocas foram mencionadas 35 vezes (~20,2% dos vestígios citados), relacionadas a 3 espécies, seguidas das fezes, aparecendo 25 vezes, relacionadas ao total de 9 espécies. Os demais vestígios foram, a vocalização e cheiro empatados com 12 relatos cada, fuçado e ninhos completam a lista com 9 citações cada. Os ninhos foram relacionados às espécies gambá (*Didelphis* spp.) e descrito pelos entrevistados como sendo construído principalmente com uso de palha seca de milho e gravetos, geralmente em ramadas ou até mesmo em forros de casa. Para a lebre-europeia (*L. europaeus*) os ninhos foram descritos simplesmente como feitos no chão com capim. Já para o tatu-galinha (*D. novemcinctus*) foi mencionados os ninhos de folhas, geralmente construídos próximos da entrada de suas tocas.

Os animais com as pegadas mais reconhecidas foram o tamanduá-bandeira (*M. tridactyla*), mencionado 12 vezes, seguido por veado-catingueiro (*M. gouazoubira*) e mão-pelada (*Procyon cancrivorous*) citados 10 vezes. As três espécies cujo vestígio reconhecido foi a toca são, o tatu-galinha (*D. novemcinctus*) com 18 citações, o tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*) (N= 15) e a lontra (*L. longicaudis*) (N= 2). As principais espécies cujas fezes foram lembradas como vestígios são: a lebre-europeia (*L. europaeous*) (10 citações), o tamanduá-bandeira (*M. tridactyla*) e o preá (*Cavia aperea*) com 3 citações cada. A vocalização foi relacionada a 7 espécies, sendo o mico-leão-preto (*L. chrysopygus*) o mais lembrado (por 5 entrevistados), seguido pelo quati (*Nasua nasua*) com 3 menções.

Figura 9. Vestígios reconhecidos pelos entrevistados.

Fonte. Autoria própria.

3.1.6- Nomes comuns atribuídos às espécies.

A maioria das espécies identificadas pelos entrevistados são reconhecidas pelos seus nomes populares mais comuns, porém algumas espécies tiveram mais de um nome popular atribuído, sendo alguns desses nomes regionais (Tabela 2).

Tabela 2. Espécies com nomes comuns mais citados.

Nome científico	Nome popular	Nome comum mais citado	Quantidade de citações
<i>Didelphis spp.</i>	Gambá	raposa	25
<i>Euphractus sexcinctus</i>	Tatu-peba	tatu-mieiro	19
<i>Dasybus novemcinctus</i>	Tatu-galinha	tatuetê	19
<i>Leontopithecus chrysopygus</i>	Mico-leão-preto	Sagui	12
<i>Cavia aperea</i>	Preá	coelho	12
<i>Syvilagus brasiliensis</i>	Tapiti	lebre-pequena	8
<i>Galictus cuja</i>	Furão-pequeno	gambé	4
<i>Caluromys philandis</i>	Cuíca	guaiquica	4

Fonte. Autoria própria.

Em relação ao gambá (*Didelphis* spp.), 25 pessoas (86,2%) o chamaram de raposa e apenas 4 (13,8%) de gambá. Para o tatu-galinha (*D. novemcinctus*), apenas uma pessoa o conhecia por esse nome, a maioria (N=19, ~63,3%) o chamam de tatuetê e sete pessoas (23,3%) o conhecem apenas como tatu. No caso do tatu-peba (*E. sexcinctus*), nenhum dos entrevistados o chamaram por esse nome, a maioria o conhecia por tatu-mieiro (19 pessoas, ~67,9%), outros nomes também surgiram atribuídos a ele como, tatu-do-rabo-mole, tatu-mulinha, tatuetê e tatu. Para o mico-leão-preto (*Leontopithecus chrysopygus*) metade das pessoas que conhecem a espécie a chamam de sagui (12 pessoas), oito pessoas chamam de mico-leão-preto (33,3%), três de macaquinho (12,5%) e uma pessoa (4,2%) a conhece apenas por mico. As espécies furão-pequeno (*Galictis cuja*) e tapiti (*Sylvilagus brasiliensis*) também foram espécies cujos nomes populares mais conhecidos sequer foram citados pelos entrevistados, que utilizam os nomes gambé (5 pessoas, 62,5%) e lebre-pequena, respectivamente.

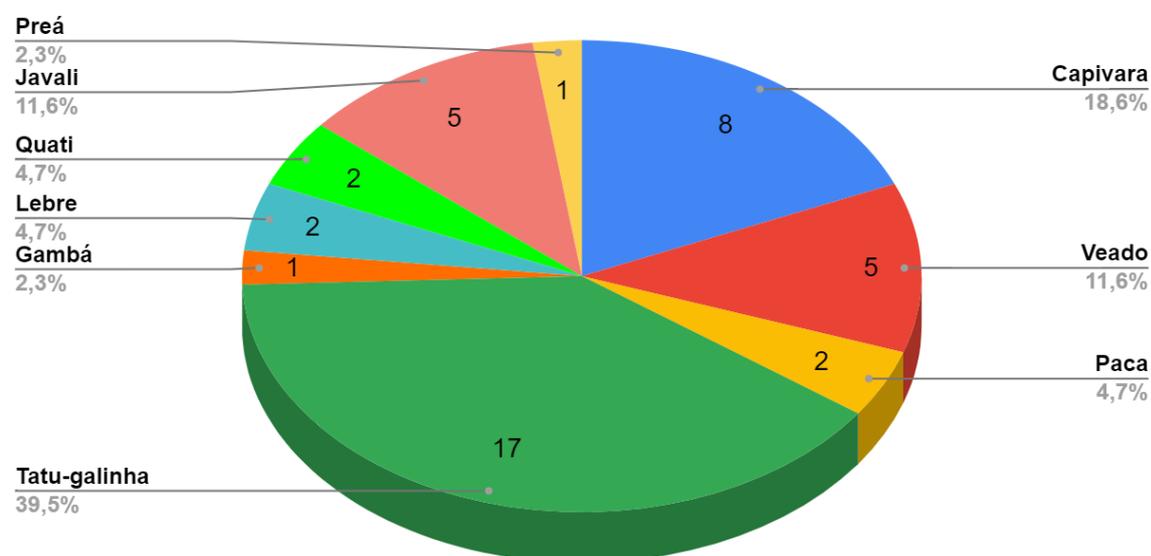
3.2- Costumes tradicionais envolvendo os mamíferos.

3.2.1- Consumo de carne de mamíferos silvestres.

Dos 30 entrevistados, 22 (73,3%) alegaram terem consumido carne de algum desses mamíferos em algum momento na vida. Doze deles afirmaram que há mais de 10 anos não comem mais carne de caça.

Ao todo, nove espécies de mamíferos foram citadas (Figura 10) como tendo sua carne consumida, sendo as principais o tatu-galinha (*D. novemcinctus*) (N= 17), a capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*) (N= 8), o veado-catingueiro (*M. gouazoubira*) (N= 5) e o javali (*S. scrofa*) (N= 5).

Figura 10. Mamíferos cuja carne já foi consumida pelos entrevistados.



Fonte. Autoria própria.

3.2.2- A caça na região.

Quando perguntado se a caça é praticada na região, 12 pessoas (40%) responderam que sim, outras 11 (36,7%) disseram que não e 7 pessoas (23,3%) afirmaram não saber. Quanto aos métodos utilizados durante a caça, arma de fogo foi o mais citado (N= 10, 55,6%), seguido pelas armadilhas (N= 7, 38,9%) e cachorros (N= 1, 5,6%). Ainda sobre as pessoas que responderam positivamente sobre a caça na região, oito afirmaram que apenas a caça do javali (*S. scrofa*) é praticada, uma pessoa afirmou que além do javali (*S. scrofa*) a capivara (*H. hydrochaeris*) também é caçada e outra por sua vez, afirmou que a lebre-europeia (*L. europaeus*) também é caçada. Quatro pessoas não especificaram as espécies caçadas.

3.2.3- Uso de partes dos animais para finalidade medicinal ou simpatia.

Seis espécies de mamíferos foram mencionadas como tendo algum tipo de uso medicinal ou em simpatia conforme tabela a seguir. A finalidade medicinal foi citada por 16 entrevistados e 5 apontaram o uso em simpatia. Destaca-se a capivara (*H. hydrochaeris*), cuja banha foi mencionada por 14 moradores como possuindo propriedades medicinais, no combate a dores e reumatismo. Ainda sobre uso medicinal, a carne de serelepe foi citada como remédio para enxaqueca e a banha (graxa) do quati era usado para fazer crescer cabelo. O chifre de

veado foi mencionado no tratamento contra verminose (lombriga) em crianças, em dois tipos de administração. O chifre pode ser queimado e colocado na água para a criança beber (uso medicinal) ou queimado e colocado na água do banho da criança (simpatia). Por fim, foi relatado que o couro do lobo-guará era colocado nas carteiras como simpatia para atrair negócios.

Tabela 3. Espécies de mamíferos cujas partes são usadas para fim medicinal e/ou simpatias.

Uso	Espécies						Partes usadas
	Lobo-guará	Capivara	Veado-catingueiro	Gambá	Quati	Serelepe	
Medicinal	-	14	-	-	1	-	Banha
	-	-	3	-	-	-	Chifre
	-	-	-	-	-	1	Carne
Simpatia	1	-	-	-	-	-	Couro
	-	-	-	1	-	-	Dente
	-	-	3	-	-	-	Chifre

Fonte. Autoria própria.

3.2.4- Conhecimento tradicional, história ou lenda sobre esses mamíferos.

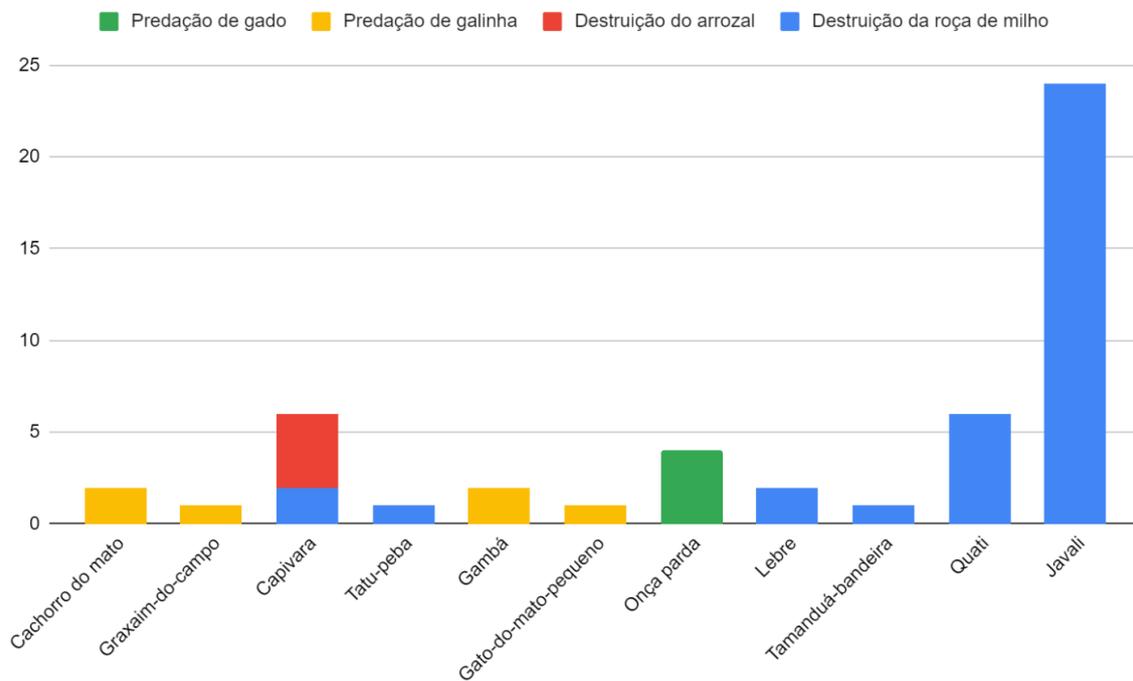
Quando perguntado se eles conhecem alguma história ou lenda sobre os mamíferos que pudesse influenciar no tratamento dos mesmos por parte da população, todos os entrevistados disseram não conhecer nenhuma história ou lenda. Porém, um entrevistado relatou que o bicho-preguiça-comum costumava vocalizar sempre quando ia chover, constituindo um conhecimento tradicional adquirido.

3.3- Percepções dos entrevistados em relação aos mamíferos.

3.3.1- Prejuízos econômicos que os animais trazem para a comunidade.

Vinte e seis pessoas citaram pelo menos um tipo de prejuízo que alguns desses animais trazem para os moradores dos bairros. Prejuízo em lavouras de milho foi o mais citado (N=25, 64,1%), seguido pelos arrozais (N=6, 15,4%), predação de galinhas (N=5, 12,8%) e de gado (N=3, 7,7%). No total, onze espécies foram relatadas como causadoras de algum tipo de prejuízo (Figura 11), sendo o javali (*S. scrofa*) a mais citada (N=24, 49,0%), quati (*N. nasua*) e capivara (*H. hydrochaeris*) com o mesmo número de relatos (N=6, 12,2%) e outra espécie com expressivo número de relatos foi a onça-parda (*Puma concolor*) (N=4, 8,2%).

Figura 11. Espécies citadas como causadoras de prejuízos econômicos e os tipos de prejuízos relacionados.

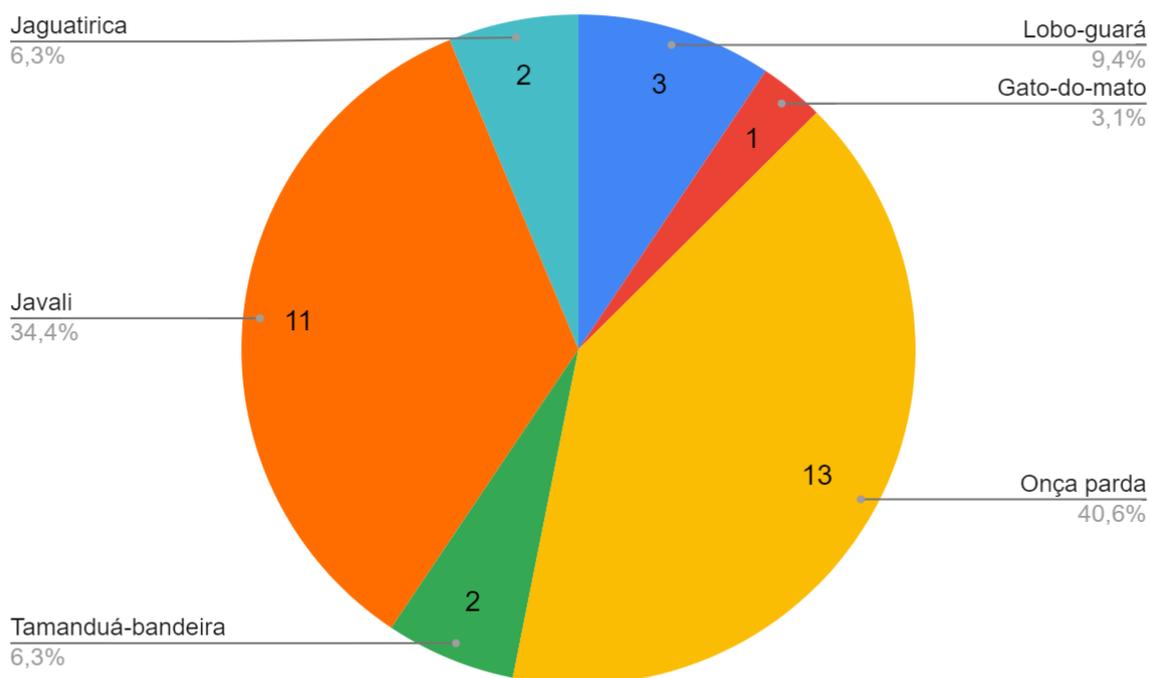


Fonte. Autoria própria.

3.3.2- Percepção de risco de ataque aos humanos.

Entre os trinta entrevistados, vinte e três (~76,7%) acreditam que algumas espécies podem atacar os humanos. As espécies citadas foram (Figura 12) a onça-parda (*P. concolor*) (N=13, 40,6%), o javali (*S. scrofa*) (N=11, 34,4%), o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) (N=3, 9,4%), a jaguatirica (*Leopardus pardalis*) e o tamanduá-bandeira (*M. tridactyla*) empatados (N=2, 6,3%) e por fim o gato-do-mato (*Leopardus tigrinus*) (N=1, 3,1%).

Figura 12. Espécies citadas pelos entrevistados como aquelas que podem atacar pessoas.



Fonte. Autoria própria.

3.3.3- Possíveis doenças transmitidas pelos animais.

Treze pessoas responderam positivamente quando perguntadas se alguns desses mamíferos transmitem doenças para as pessoas ou animais domésticos. Destas, quatro pessoas não souberam especificar nem as espécies e nem as doenças que elas transmitem, outras cinco indicaram as espécies, mas não souberam dizer quais doenças transmitidas.

Cinco espécies foram citadas como possíveis transmissoras de doenças, a mais citada foi a capivara (*H hydrochaeris*) (N=6, 54,5%), depois o javali (*S. scrofa*) e o tatu-galinha (*D. novemcinctus*) (N=2, 18,2%) e por fim o gambá (*Didelphis spp*) (N=1, 9,1%).

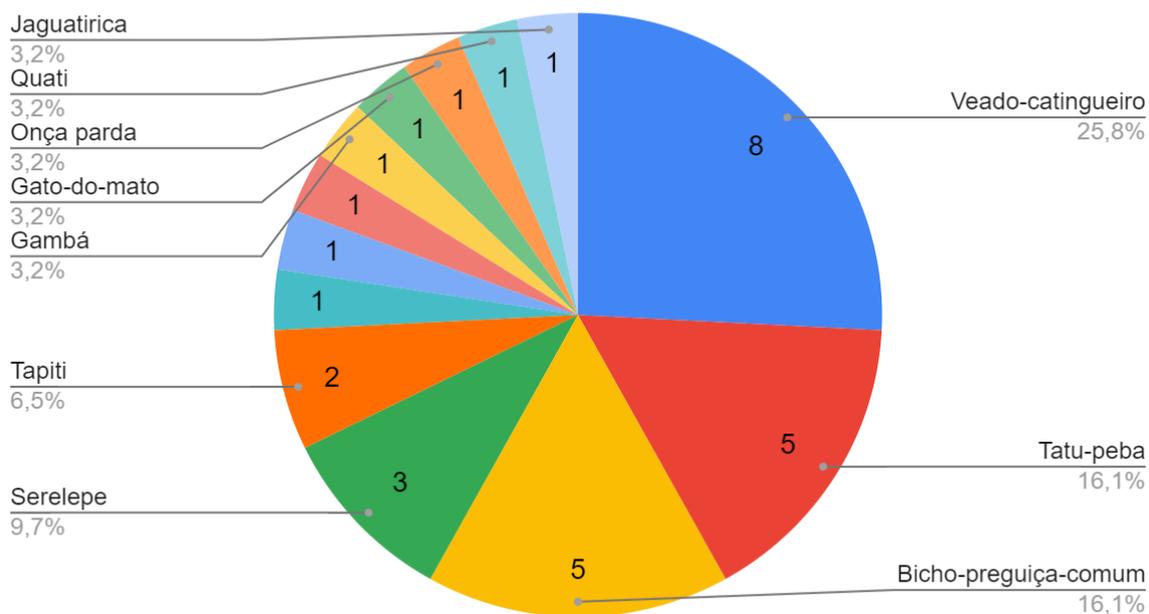
Três doenças foram citadas apenas uma vez cada, a febre maculosa, relacionada à capivara (*H hydrochaeris*), a leptospirose, atrelada ao gambá (*Didelphis spp.*) e a doença de Chagas atribuída ao tatu-galinha (*D. novemcinctus*).

3.3.4- Percepções sobre o tamanho populacional das espécies.

Metade dos entrevistados tem a percepção de que ao menos uma espécie teve sua população diminuída ao longo do tempo na região (Figura 13). No total, foram 13 espécies citadas (Figura 11), com o veado-catingueiro (*M. gouazoubira*) aparecendo 8 vezes (25,8%), seguido pelo tatu-peba (*E. sexcinctus*) e o bicho-preguiça (*B. variegatus*), ambos com 5 citações (16,1%) e o serelepe (*G. brasiliensis*) aparecendo em 3 citações (9,7%).

Figura 13. Espécies que tiveram um declínio populacional ao longo do tempo, segundo a percepção dos entrevistados.

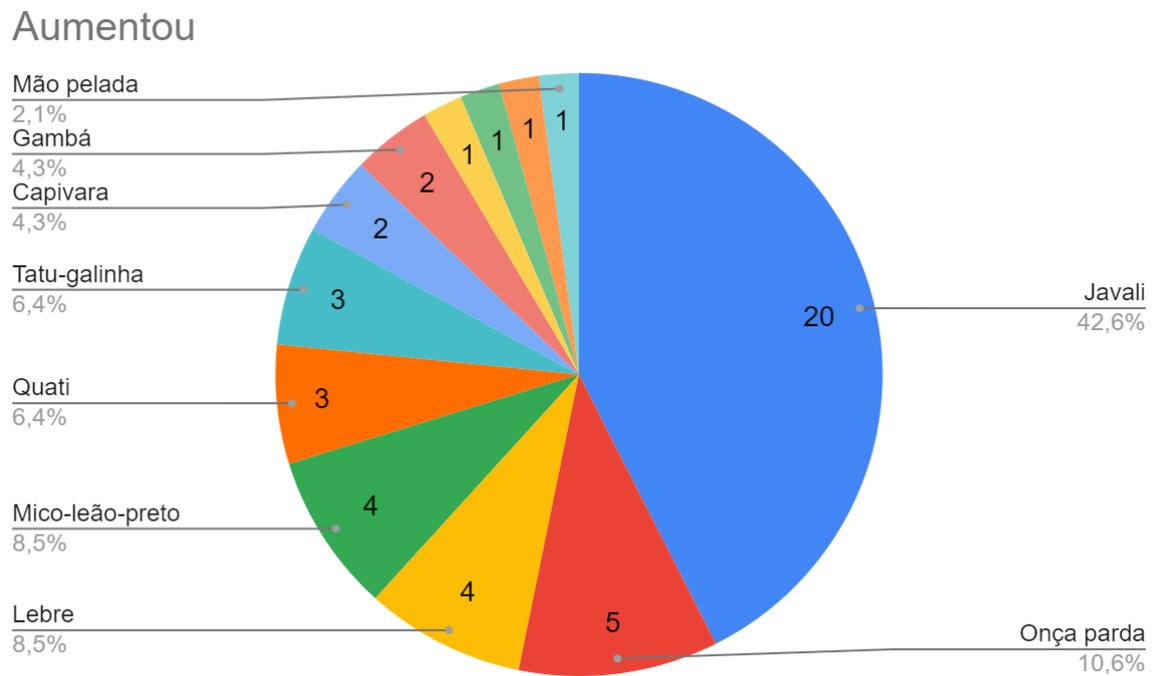
Diminuição



Fonte. Autoria própria.

Vinte e sete pessoas (90%) afirmaram que houve aumento populacional de algumas espécies ao longo do tempo na região (Figura 14). Ao todo 12 espécies foram relatadas, destacando-se o javali (*S. scrofa*), mencionado 20 vezes (42,6%). Foram mencionados ainda a onça-parda (*P. concolor*) com 5 citações (10,6%) e empatados com 4 citações (8,5%) cada, o mico-leão-preto (*L. chrysopygus*) e a lebre-europeia (*L. europaeus*).

Figura 14. Espécies que tiveram um aumento populacional ao longo do tempo, segundo a percepção dos entrevistados.

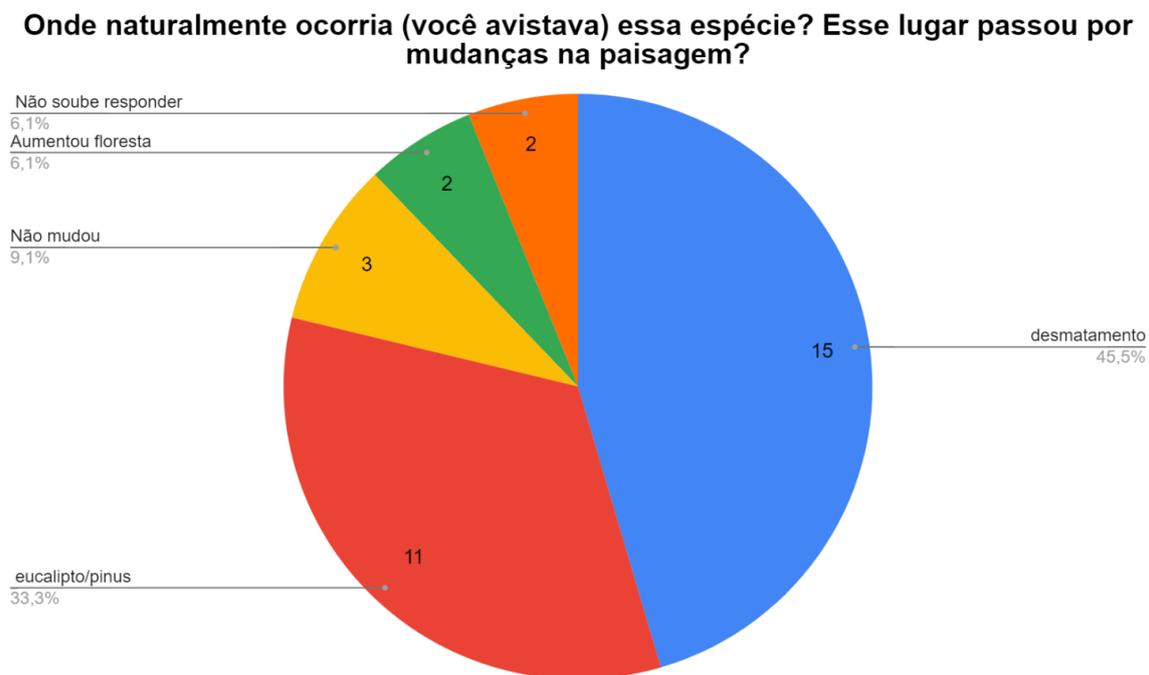


Fonte. Autoria própria.

3.3.5- Mudanças na paisagem e os impactos sobre a fauna.

Quando perguntado sobre mudanças na paisagem ao longo do tempo (Figura 15) os respondentes em sua maioria confirmaram que houve mudanças, sendo o desmatamento o mais citado (N=15), seguido pela plantação de cultivos de eucalipto e pinus (N= 11). Três pessoas disseram que não houve mudança na paisagem, duas responderam que aumentou área de floresta e outras duas não souberam responder.

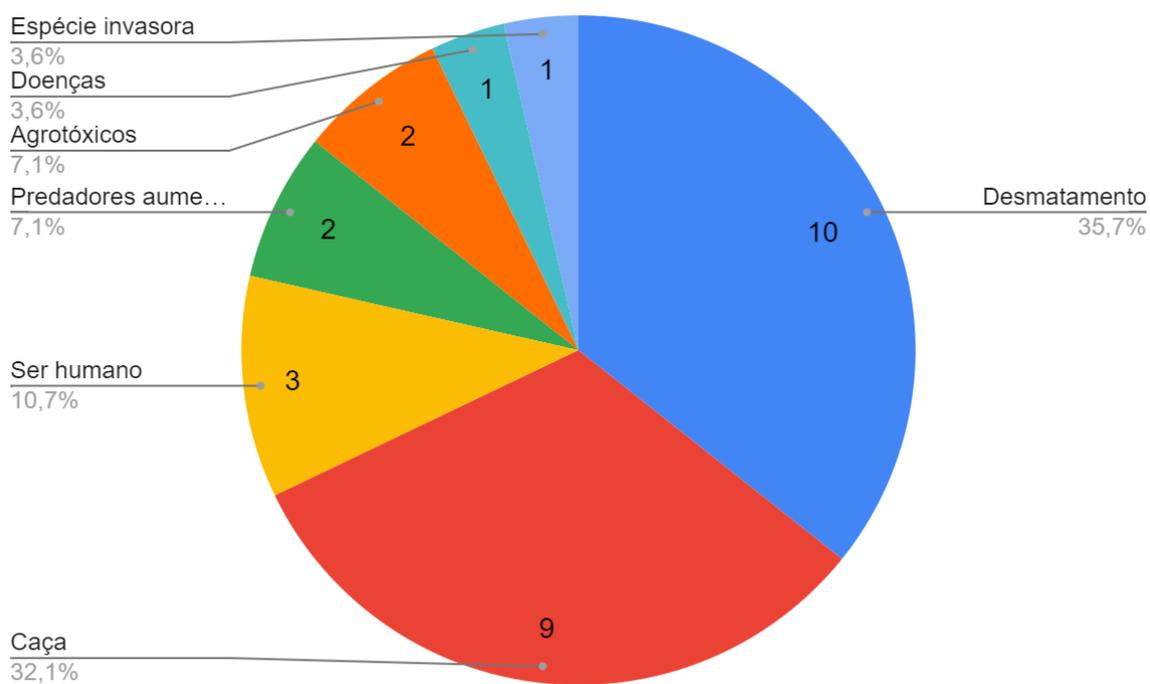
Figura 15. Mudanças na paisagem segundo a percepção dos entrevistados.



Fonte. Autoria própria.

Ao todo foram citados espontaneamente 7 diferentes fatores que podem ter causado a diminuição em quantidade ou o desaparecimento das espécies de mamíferos (Figura 16). Desses, o desmatamento apareceu mais vezes nas respostas (N=10, 35,7%), seguido pela caça (N=9, 32,1%). Três pessoas (10,7%) citaram como fator o próprio ser humano como causa, sem especificar quais atitudes humanas especificamente. Agrotóxicos e aumento de predadores foram citados duas vezes cada. Por fim, espécie invasora (javali) e doenças foram relatadas uma vez cada.

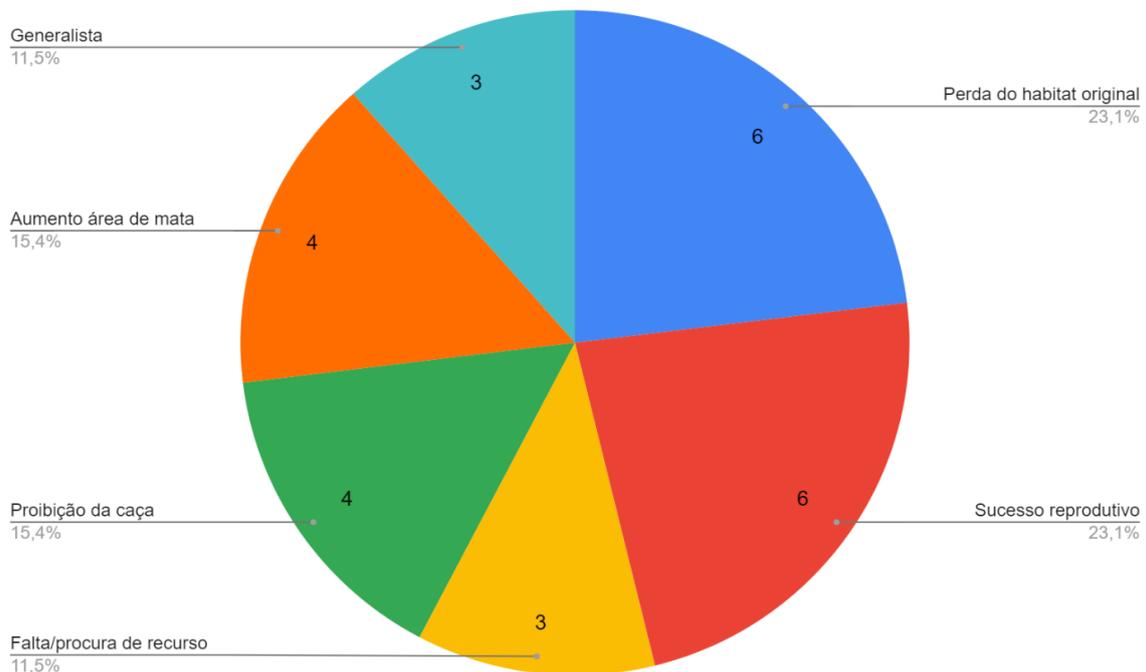
Figura 16. Fatores responsáveis pela diminuição populacional das espécies, segundo a percepção dos entrevistados.



Fonte. Autoria própria.

Foram citados 6 fatores que podem estar relacionados ao aumento populacional das espécies (Figura 17). A perda do habitat original e o sucesso reprodutivo foram os mais citados, seis vezes cada (23,1%). Na sequência, a proibição da caça e o aumento de área de mata apareceram quatro vezes cada (15,4%) nos relatos seguidos pela falta/procura por recurso e por espécies generalistas, ambos fatores com 3 menções (11,5%).

Figura 17. Fatores responsáveis pelo aumento populacional das espécies, segundo a percepção dos entrevistados.



Fonte. Autoria própria.

4- DISCUSSÃO

4.1- Conhecimento da população sobre a mastofauna.

De um modo geral, os moradores das comunidades rurais do município de Angatuba apresentam um bom conhecimento sobre a fauna de mamíferos da região, demonstrando domínio na identificação da maioria das espécies e confirmando a ocorrência de praticamente toda a mastofauna prevista para a região. A única espécie com possível ocorrência e não mencionada pelos moradores foi o bugio-ruivo (*A. guariba clamitans*). Embora a espécie já tenha sido registrada em fragmentos florestais às margens do rio Guareí a poucos quilômetros da área de estudo (V. São Pedro comm. Pess.) é provável que ela de fato não esteja presente nos fragmentos próximos às comunidades investigadas, tendo em vista que sua presença é facilmente detectável devido principalmente à vocalização potente e conspícua dos machos desta espécie (BUSS; ROMANOWSKI, 2002).

Como esperado, muitos nomes populares foram citados, alguns se repetiram com uma certa tendência, sugerindo uma herança linguística presente na região. Um exemplo é em relação aos gambás (*Didelphis spp.*) em que a maioria disse conhecê-los como raposas. Esse nome popular aparece em estudos para outras regiões do Brasil além do estado de São Paulo

como, nos estados do centro-oeste e Paraná (GUIX, 1993; REIS *et al.*, 2006; ROCHA-MENDES; KUCZACH, 2007; CESAR, 2011; COSTA; ISQUERDO, 2012; COSTA, 2014).

Para os tatus, surgiram alguns nomes populares de espécies diferentes associadas a uma mesma espécie, motivo que levantou à suspeita da ocorrência de outras espécies de tatu na região, ainda que não tenha sido registrada em nenhum levantamento preliminar. Para o tatu-galinha (*D. novemcinctus*) o nome mais comum foi tatu-itê ou tatuetê, nome comum ao gênero *Dasypus* (COMIN, 2007; ROCHA-MENDES; KUCZACH, 2007). Em relação ao tatu-peba (*E. sexcinctus*), para a maioria dos moradores ele é conhecido como tatu-milheiro, que na região aparece com a variação tatu-mieiro. Diferente do significado original do nome em que milheiro é uma referência ao número de bandas em seu casco (VIEIRA, 1951), para os moradores entrevistados, “mieiro” está atrelado ao fato desse animal ser comumente visto nas roças de milho. Ainda para o tatu-peba (*E. sexcinctus*) outros nomes comuns surgiram como tatu-mulinha, provavelmente uma variação do nome comum tatu-mulita, popular para as espécies do gênero *Dasypus* (REIS *et al.*, 2006; ROCHA-MENDES; KUCZACH, 2007) e tatu-do-rabo-mole, nome comum para a espécie *Cabassous tatouay* (REIS *et al.*, 2006). De fato, Lima (2012) registrou as espécies *Dasypus septemcinctus* e *Cabassous tatouay* em municípios próximos de Angatuba, sugerindo a possível ocorrência das espécies na do presente estudo.

Quanto à espécie furão-pequeno (*Galictis cuja*) o nome popular mais frequente foi gambé, possivelmente um nome local, ainda não mencionado na literatura. Apenas um entrevistado citou o nome cachorro-do-mato associado à espécie, um dos nomes populares já citados na literatura (GUIX, 1993; REIS *et al.*, 2006).

4.2- Animais mais avistados e frequência dos avistamentos.

Por se tratar de um ambiente rural, a área de estudo conta com a presença de fragmentos florestais nativos preservados, que por sua vez favorece a ocorrência de espécies de mamíferos. Logo, favorecendo os prováveis encontros dos moradores com os animais (MOREIRA; SOUZA; ANGELO, 2020). E esses encontros esperados das pessoas com os mamíferos foi observado no resultado obtido. Com exceção do Bugio-ruivo todos as espécies levantadas foram mencionadas.

Das três espécies que foram reconhecidas por todos os entrevistados (Figura 3) o tamanduá-bandeira é também a espécie com maior frequência de avistamentos (Figura 4) e vista mais recentemente pelos entrevistados (Figura 5). Além de ser uma espécie grande e conspícua, nos três bairros prevalecem casas rodeadas por pastagens para a criação de gado e áreas abertas, além da presença de estradas não pavimentadas que são utilizadas como

corredores pelos tamanduás o que pode facilitar o seu avistamento (BERTASSONI, 2017; VERSIANI *et al.*, 2021)

A lebre (*L. europeus*) também foi uma espécie com alta frequência de avistamentos. Sua alta frequência pode ser explicada pela grande abundância nas áreas onde ocorre, dado a sua alta taxa reprodutiva (COSTA; FERNANDES, 2010). Além disso, é uma espécie de fácil visualização pelo fato de preferir ambientes abertos, como campos, plantações e estradas (DE FARIA, 2016; PASQUALOTTO *et al.*, 2024).

O bicho-preguiça-comum (*Bradypus variegatus*) apesar de ser reconhecido pela maioria dos entrevistados (N=22) foi considerada com unanimidade como uma espécie menos frequentemente vista atualmente, além de ser citado por 10 dos entrevistados com o último avistamento há mais de 40 anos. Isso pode ser explicado pelo avanço da antropização que causa principalmente a destruição do habitat natural da espécie e conseqüentemente a sua diminuição populacional ou extinção local (XAVIER *et al.*, 2015). Apesar de não ser classificada entre as espécies ameaçadas de extinção e da sua ampla distribuição geográfica, há registros de declínios de populações principalmente na região da Mata Atlântica em decorrência da degradação de florestas para ocupação humana fadando a espécie a eventos de extinção local (BOFFY; PINHEIRO; BERGALLO, 2015; LIMA *et al.*, 2018)

4.3- Período do dia e época do ano em que os animais são vistos.

Os moradores entrevistados parecem não ter uma boa noção do período de atividade preferencial e sazonalidade das espécies de mamíferos. O fato de a maioria responder que os animais são mais avistados durante o dia, a despeito do período de atividade real das espécies, pode ser explicado pelo favorecimento da luz para sua visualização, além de muitos desses animais e das pessoas também, estarem ativos nesse período, favorecendo seus encontros. Os poucos relatos de avistamentos noturnos apontam uma importante limitação no uso de informações etnozoológicas para a amostragem de mamíferos em estudos de levantamento.

Quanto ao período do ano em que são mais vistos, para a lebre (*L. europeus*) o verão foi o período de sua maior visualização. No entanto, não foi encontrado na literatura nenhum estudo sobre a variação da atividade dessa espécie em relação a sazonalidade. Para Fernández & Sorriquer (2007) que constataram em seu estudo aumento da densidade de excrementos da lebre (*L. europeus*) no verão, o motivo pode ser explicado pelas mudanças súbitas na disponibilidade de alimento ou pelo uso ocasional de determinada área com maior intensidade nesse período e não necessariamente pelo aumento do número de indivíduos da população local.

Sobre a discordância dos moradores relacionado a maior atividade do tamanduá-bandeira (*M. tridactyla*) no inverno ou no verão, sabe-se que o fator temperatura é o mais importante para os padrões de atividade da espécie. devido a seu metabolismo relativamente baixo, os tamanduás evitam se expor as baixas temperaturas no inverno e altas temperaturas no verão (CAMILO-ALVES; MOURÃO, 2006). Quanto ao relato de ambos os entrevistados de que os avistamentos ocorreram em noites de lua cheia, não foi encontrado na literatura nada que falasse sobre isso. Uma provável hipótese para essa coincidência é a claridade proporcionada por noites de lua cheia que facilita o avistamento. Seria interessante testar essa percepção popular em estudos ecológicos futuros.

4.4- Ambientes de ocorrência das espécies.

Os encontros entre as pessoas e os mamíferos ocorrem em diferentes tipos de ambientes, desde os mais antropizados (e.g. quintais) até os mais preservados (e.g. matas). No entanto, esses encontros parecem não ser aleatórios, havendo maiores probabilidades de que certas espécies sejam avistadas em determinados tipos de ambientes.

Para as duas espécies de Lagomorpha existentes na área de estudo, lebre-europeia e tapiti, notou-se certa similaridade dos ambientes descritos para suas ocorrências que sugere uma possível sobreposição de nicho das espécies. De fato, há estudos que apontam um potencial de competição entre essas espécies (AURICCHIO; OLMOS, 1999; DOTTA, 2005; COSTA; FERNANDES, 2010; MAGIOLI, 2013).

A lebre-europeia é uma espécie exótica que apresenta uma grande plasticidade ecológica, o que lhe confere a capacidade de explorar diferentes tipos de ambientes (BONINO; COSSÍOS; MENEGHETI, 2010). Preferencialmente, ela ocorre em maior densidade em paisagens modificadas pelo homem, como, pastagens, pequenos fragmentos de floresta nativa e diferentes tipos de culturas (PASQUALOTTO *et al.*, 2024). O tapiti é uma espécie nativa que ocorre em uma ampla variedade de habitats, como floresta tropical, savanas e florestas semidecídua (JÚNIOR *et al.*, 2005). Porém o ambiente “Beira de mato” apareceu apenas para o tapiti, confirmando que são animais típicos de regiões de transição entre bosques e áreas abertas (REIS; FILHO; SILVEIRA, 2011).

“Quintal” também foi um ambiente bastante citado principalmente por mulheres que na sua maioria ficam mais tempo em suas casas, cuidando dos afazeres domésticos que em áreas rurais inclui o cuidado com o quintal (jardim, horta e animais domésticos), possibilitando uma maior probabilidade desses flagrantes. Os animais mais relacionados aos flagrantes nos quintais foram o gambá (*Didelphis* spp.) (N= 19), o tamanduá-bandeira (*M. tridactyla*) (N= 12)

e o ouriço (*S. villosus*) (N= 11). Esses animais se aproximam das casas principalmente na busca por alimentos, como o gambá (*Didelphis spp.*) que é atraído pelos ovos e filhotes das galinhas domésticas (COSTA, 2020) e o tamanduá-bandeira (*M. tridactyla*) que se aproxima das casas pois essas são rodeadas de pastagens que por sua vez apresentam ninhos de cupins e formigas que compõe a dieta desse mamífero (NOWAK, 1999; MEDRI; MOURÃO; HARADA, 2003). Alguns entrevistados também afirmaram flagrar o tamanduá-bandeira (*M. tridactyla*) em seus quintais comendo abacate. Estudos sobre a dieta desta espécie na natureza, baseados na análise de restos de alimento encontrados nas fezes, mencionam apenas o consumo de invertebrados, principalmente insetos sociais (GALLO *et al.* 2017; GAUDIN; HICKS; BLANCO, 2018). No entanto, sabe-se que frutas são adicionadas à dieta desse animal em cativeiro, como enriquecimento ambiental, sendo o abacate uma das principais (BROWN; MOORE, 2018; MORFORD; MEYERS, 2003).

4.5- Vestígios reconhecidos pelos entrevistados.

Os entrevistados mostraram bom conhecimento relacionado aos vestígios dos mamíferos da região. Principalmente pegadas e fezes foram os vestígios mais citados para diferentes espécies. O reconhecimento dos vestígios, como pegada, fezes, tocas etc. é muito importante como indicador da ocorrência e uso de habitat de diferentes espécies (BUSS; ROMANOWSKI, 2002).

Com relação às tocas dos tatus, os entrevistados pontuaram que há diferenças entre as espécies tatu-galinha (*D. novemcinctus*) e tatu-peba (*E. sexcinctus*). Para o tatu-galinha (*D. novemcinctus*) eles descreveram que as tocas geralmente são encontradas dentro ou na borda da mata, também descreveram que as tocas do tatu-galinha (*D. novemcinctus*) são sujas, cheia de folhas secas e gravetos, corroborando com o que foi descrito na literatura (TAULMAN, 1994; SILVA, 2006). Além disso, alguns entrevistados descreveram os ninhos-de-folhas construídos pela espécie próximo à entrada de suas tocas. No caso do tatu-peba (*E. sexcinctus*) os entrevistados disseram encontrar comumente em áreas abertas e diferente da toca do tatu-galinha (*D. novemcinctus*) suas tocas são mais limpas, também descreveram que são encontradas tocas próximas umas das outras, provavelmente eles estavam descrevendo os fossados, já que essa espécie escava também para forragear e não só para construir sua morada (ANACLETO, 2006; MEDRI, 2008).

4.6- Costumes tradicionais envolvendo os mamíferos.

4.6.1- Consumo de carne de mamíferos silvestres e a caça na região.

Embora dois terços dos entrevistados tenham afirmado já ter comido carne de caça, esse parece ser um hábito em declínio na região, não praticado pelo menos nos últimos 10 anos pela maioria das pessoas. Corroborando com esta perspectiva, apenas um terço dos entrevistados afirma que a caça ainda ocorre na região, predominando a caça ao javali (*Sus scrofa*). Um trabalho sobre a caça do jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*) no Alto Paranapanema sugere que, apesar de ainda intensamente caçado, esta prática também aparenta uma tendência de diminuição, à medida em que desperta pouco interesse nas gerações mais jovens (ALMEIDA-JÚNIOR; NEVES; SÃO PEDRO, 2021). Um estudo específico na região pode investigar se essa tendência intergeracional também é observada na caça de mamíferos.

Das espécies citadas como consumidas, o javali (*S. scrofa*) chamou a atenção pelo baixo número de citações pelos entrevistados, mesmo diante do aumento populacional da espécie na região e da sua caça ser algo já comum no Brasil (MACHADO, 2020). Uma interpretação possível para esse resultado é o fato da chegada relativamente recente da espécie na região, segundo os próprios entrevistados, unido ao fato de que mais da metade dos que afirmaram terem consumido carne de caça o fizeram a mais de dez anos.

Em relação ao tatu-galinha (*D. novemcinctus*), o grande número de pessoas (N = 17) que disseram consumir sua carne pode estar relacionado a possível abundância da espécie na região e pela facilidade na sua caça com a utilização de armadilhas de emboscada nas entradas de suas tocas (DE OLIVEIRA VILELA; LAMIM-GUEDES, 2017)

Sobre a caça na região percebe-se que ela ainda acontece principalmente com finalidade para o consumo. Mesmo proibida, persiste a caça amadora como peculiaridade regional recorrente em várias regiões do Brasil (DE OLIVEIRA VILELA; LAMIM-GUEDES, 2017). Para a maioria dos que afirmaram que a caça é praticada na região, a caça do javali (*S. scrofa*) é entendida como legal com o intuito de controle populacional, baseados na Instrução Normativa de 2013 (BRASIL, 2013). Porém, em 2018, para o estado de São Paulo mediante a Lei nº 16.784/2018 a caça em todas as modalidades tornou-se proibida (SÃO PAULO, 2018).

4.6.2- Uso de partes dos animais para finalidade medicinal ou simpatia.

Apenas a metade dos entrevistados mencionou algum uso dos animais com fim medicinal ou em simpatias. Com exceção do uso medicinal da banha de capivara (*H. hydrochaeris*), este já não parece ser um tipo de uso comum na região. O número de animais usados para fins medicinal/simpatia varia de região para região, variando de acordo com aspectos culturais ou conforme a diversidade de espécies que lá ocorrem. No entanto, a carência

de estudos como esse no interior do estado de São Paulo limita as comparações com o presente trabalho. Um estudo com comunidades Quilombolas de Ubatuba registrou 7 espécies de mamíferos usados com finalidade medicinal (FRAGOSO *et al.*, 2022). Em estudos feitos na região semi-árida do Nordeste, o número de mamíferos selvagens com uso popular citados variou de 4 a 5 espécies (ALVES; SOARES; DA SILVA MOURÃO, 2008; ALVES; GONÇALVES; VIEIRA, 2012; COELHO *et al.*, 2017). Ainda no Nordeste, mas na região de Mata Atlântica, na Bahia, foram 9 mamíferos citados (PEREIRA; SCHIAVETTI, 2010). Para a região norte, com base em Silva (2008) em seu estudo com populações ribeirinhas do rio Negro, que registrou 19 mamíferos selvagens usados para fins zoterápicos. O número de espécies citadas com uso popular no presente estudo foi relativamente baixo ($N = 6$), se comparado a outros estudos e, principalmente, diante da grande diversidade de mamíferos na região. Esse resultado pode representar uma mudança de costumes, devido ao fácil acesso à medicina convencional na região e ao esclarecimento dos entrevistados acerca dos perigos sanitários envolvendo o consumo desses animais (ALVES; ROSA; SANTANA, 2007; ver também o item 4.7.2 abaixo).

4.6.3- *Conhecimento tradicional, história ou lenda sobre esses mamíferos.*

O fato de todos os entrevistados afirmarem não conhecer uma história ou lenda envolvendo os mamíferos da região foi um resultado inesperado. Embora tenham citado outros grupos taxonômicos, principalmente répteis e aves envolvidos em histórias ou lendas, apenas um entrevistado relatou sobre a vocalização do bicho-preguiça-comum. Ele recordou que em tardes calorosas se ouvia o seu “assobio” num fragmento de mata próximo de sua casa e associou sua vocalização como prenúncio de chuva. Não foi encontrado na literatura nenhum estudo que confirme essa percepção da vocalização do bicho-preguiça-comum associado à proximidade das chuvas. Essa vocalização mais estridente parecido com um assobio foi descrito como um chamado do filhote quando se perde da mãe ou em confrontos agonísticos entre os machos da espécie (HAYSSSEN, 2010; COSTA *et al.*, 2022). As aves geralmente são as espécies mais citadas cujo comportamento auxiliam a prever as chuvas (LOSS, COSTA-NETO, FLORES, 2013) Porém, alguns mamíferos também são apontados com tais comportamentos, como o caso dos guigós (*Callicebus* sp.), espécie de macaco, descrito pelos sertanejos do interior Bahia que quando “cantam” à tardinha é sinal de chuva no dia seguinte (OLIVEIRA, 2006).

4.7- *Percepções dos entrevistados em relação aos mamíferos.*

A percepção ambiental é entendida como um processo em que o ser humano percebe seu espaço a partir de suas experiências vividas, como ocorre suas interações com o meio e o quanto ele conhece o ambiente ao seu redor (MOREIRA; DE SOUZA; ANGELO, 2020; PAULA; ROCHA; RUTA, 2022).

4.7.1- *Percepção de risco de ataque aos humanos.*

Juntamente com a evolução das diferentes interações dos humanos com a fauna, o manejo dos conflitos resultantes também evoluiu, passando do controle das simples relações entre pessoas e fauna para abranger grupos de pessoas e considerando suas diferenças de interesses, valores e percepções, em direção à coexistência (MARCHINI *et al.*, 2019).

Em relação aos eventos de ataques aos humanos, a maioria dos entrevistados responderam que podem acontecer, mas sempre com uma explicação, se o animal for ameaçado, se estão com filhotes ou no período de acasalamento. Apenas para a onça-parda (*P. concolor*) e para o javali (*S. scrofa*) (os mais citados) é que surgiram resposta sem nenhuma ressalva. Para a onça-parda (*P. concolor*) ficou nítido que existe uma crença entre os moradores de que se trata de um animal imponente e por muitas vezes associado a uma certa agressividade. Já com os javalis (*S. scrofa*), por serem animais bastante caçados na região, a percepção popular é de que desenvolveram certa agressividade em relação aos humanos como resposta por se sentirem acuados.

4.7.2- *Possíveis doenças transmitidas pelos animais e prejuízos econômicos que os animais trazem para a comunidade.*

As concepções sobre o que é a natureza e sua composição são construídos no dia a dia pela sociedade através da comunicação e das relações sociais e, por muitas vezes, havendo uma grande abrangência e diferenciação em relação aos conceitos ecológicos teóricos (DIAS; REIS, 2018). Muitas vezes, tais concepções ambientais só reforçam o preconceito, por exemplo, se um animal é culturalmente visto como feio, nojento ou é associado à transmissão de determinada doença, provavelmente muito pouco se saberá a seu respeito (SANTOS-FITA; COSTA-NETO, 2007).

Algumas doenças como a febre maculosa foi bastante citado pelos entrevistados, doença relacionada à capivara (*H. hydrochaeris*) (PAJUBA NETO *et al.*, 2019), porém nenhum caso da infecção em humanos na região foi lembrado por eles, apenas foi lembrado por um entrevistado que a presença da capivara (*H. hydrochaeris*) pode afetar os animais domésticos:

“Quando tem um bando de capivaras no açude que o gado bebe água, geralmente o gado começa a ficar pesteadado”.

Quanto ao javali (*S. scrofa*), não foi especificada nenhuma doença relacionada e ele, talvez essa concepção tenha surgido por uma visão negativa sobre a espécie principalmente pelo pouco conhecimento que se tem pois é uma espécie relativamente nova na região. Outras doenças e seus respectivos transmissores, levantadas nas entrevistas, também esbarram nesse entendimento preconcebido de que já ouviram falar, mas não testemunharam nenhum caso.

Para a maioria dos entrevistados, os animais representam um obstáculo para as produções agrícolas e pecuárias. Várias espécies foram enquadradas como potenciais ameaças para as produções, o que representa uma tendência cultural bastante marcante entre os moradores. Diante disso, vê-se a necessidade de trabalhos com educação ambiental para com o público-alvo de maneira regular e progressiva afim de esclarecer a população com vistas à redução de conflitos com a fauna (ESTEVAM; GAIA, 2017; DIAS; REIS, 2018).

4.7.3- Percepções sobre o tamanho populacional das espécies.

Para a metade dos entrevistados há uma percepção de que ao menos algumas espécies estão diminuindo a sua população na região. Das espécies mais citadas, o veado-catingueiro (*M. gouazoubira*) foi uma espécie lembrada como bastante avistada em tempos passados e que são raros de se ver atualmente. Mesmo se tratando da espécie de veado mais abundante no Brasil, ele já se encontra em algumas categorias de ameaça para alguns estados (DUARTE *et al.*, 2012).

Os principais fatores de ameaça para o veado-catingueiro (*M. gouazoubira*) são a caça, a perda de habitat e ataques por cães domésticos (BLACK-DÉCIMA *et al.*, 2010; RODRIGUES, 2015; LESSA, 2018). Todos esses fatores estão presentes na região e atuam de forma conjunta para potencializar os efeitos negativos sobre a população de veados, por exemplo, a caça em ambientes fragmentados sua população são reduzidas é bem mais drástico quando comparado com áreas protegidas (BLACK-DÉCIMA *et al.*, 2010) e como a caça na região ainda é praticada, mesmo que não seja especificamente do veado-catingueiro (*M. gouazoubira*), oportunamente eles são caçados e em muitos casos mortos pela perseguição dos cães. Para os entrevistados o plantio de silvicultura na região pode ter influenciado na diminuição da população do veado-catingueiro (*M. gouazoubira*), mas para Rodrigues (2015) o efeito da ocupação deles em áreas de silvicultura é positivo, tanto pela menor riqueza e

abundância de seus predadores nestes locais comparado a outros ambientes, quanto pelo favorecimento na detecção e fuga de seus predadores. Portanto, a caça contribuiu na redução populacional da espécie na região, visto que, historicamente sua carne era bastante consumida pelos moradores. Um dos entrevistados relatou que a cerca de 70 anos atrás um morador do bairro do Arealzinho tinha uma criação em cativeiro de veado-catingueiro (*M. gouazoubira*). Segundo o entrevistado, havia um grande recinto que continha vários indivíduos, inclusive ele relatou a reprodução em cativeiro e que os indivíduos adultos eram abatidos para o consumo de sua carne.

O tatu-peba (*E. sexcinctus*) e o bicho-preguiça (*B. variegatus*) também são percebidos como espécies com declínio populacional para os moradores na região. Enquanto, para o tatu-peba as principais ameaças são a caça, atropelamentos e ataques por cães domésticos (ABBA; LIMA; SUPERINA, 2014), para o bicho-preguiça-comum (*B. variegatus*) é indiscutivelmente a fragmentação e perda dos habitats naturais dos quais a espécie depende (XAVIER *et al.*, 2015). Mesmo sendo uma espécie considerada pouco preocupante no status de conservação (BRASIL, 2018) há indícios de declínios populacionais em regiões da Mata Atlântica (XAVIER *et al.*, 2015).

No geral, a maioria dos entrevistados revelaram uma percepção do aumento populacional de algumas espécies na região. Em relação ao javali (*S. scrofa*), espécie mais mencionada, muitos entrevistados demonstraram uma certa preocupação pelo aumento populacional sem precedentes da espécie, vista por eles como uma ameaça principalmente para as lavouras. De fato, o poder de adaptação a novos ambientes e o rápido crescimento de populações em vida livre, além dos impactos negativos ao meio ambiente e prejuízos para a produção agrícola, conferem ao javali (*S. scrofa*) o status de espécie invasora (HEGEL; MARINI, 2013; SABATINI *et al.*, 2020). E para eles o manejo populacional do javali (*S. scrofa*) é uma prática necessária pois, além dos prejuízos econômicos, causam a diminuição populacional de espécies nativas. Para a onça-parda (*P. concolor*) não foi encontrado estudos na literatura que apontasse o aumento populacional da espécie na região, pelo contrário, estudos mostram uma tendência de declínio populacional da espécie que sofrem a perda de habitat, são vítimas da caça e atropelamentos (RODRÍGUEZ, 2013). Uma possível explicação para essa percepção dos moradores é o fato de essas espécies se verem forçadas a sobreviverem em paisagens fragmentadas e se aproximarem da população.

Em relação a lebre-europeia (*L. europaeus*) os resultados só corroboram com o fato que se trata de uma espécie invasora de bastante sucesso para várias regiões no mundo, particularmente em paisagens modificadas para o cultivo agrícola (DE FARIA *et al.*, 2016;

PASQUALOTTO *et al.*, 2024). Já para o mico-leão-preto (*L. chrysopygus*) a percepção do aumento populacional da espécie na região é um resultado positivo dos esforços para a conservação da espécie que se deram início ainda na década de 1970 quando a espécie foi redescoberta na natureza (GARCIA, 2018).

4.7.4- Impactos sobre a fauna.

Os entrevistados demonstraram uma boa percepção quantos aos impactos positivos e negativos que interferem na dinâmica populacional das espécies de mamíferos na região. Para eles o desmatamento é o principal fator que impacta na diminuição das populações de mamíferos e da fauna em geral. Isso demonstra uma consciência ambiental dos moradores, pois de fato, o desmatamento causa irreparáveis danos ao meio ambiente afetando toda a sua biodiversidade (CARMO; CARMO, 2019; SILVA *et al.*, 2021). A caça também é vista pelos moradores como um fator negativo que causa o declínio populacional das espécies. Estudos mostram que a caça é um importante fator de ameaça para a fauna, pois além de reduzir diretamente populações de determinadas espécies, interfere mudando a composição das comunidades animais influenciando uma série de interações ecológicas (DE OLIVEIRA VILELA; LAMIM-GUEDES, 2017).

Dos fatores relacionados ao aumento populacional citados, apenas a proibição/diminuição da caça pode ser considerado como fator positivo. A proibição da caça principalmente em áreas já bastante degradado pode representar uma estratégia ideal para a conservação da fauna (ALVES; GONÇALVES; VIEIRA, 2012). Outros motivos apontados não são exatamente fatores positivos para o aumento populacional das espécies, pois representam distúrbios importantes como por exemplo, a perda do habitat original ou a competição com espécies exóticas. O sucesso reprodutivo está diretamente relacionado as espécies invasoras presentes na região.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

As comunidades investigadas na sub-bacia do rio Guareí revelaram uma forte relação entre as pessoas com a mastofauna da região. Um importante conhecimento da mastofauna da região com suas particularidades em relação aos nomes populares, além de uma riqueza de conhecimento empírico em relação a ecologia, comportamento e a biologia das espécies.

Muitos usos foram revelados, uns citados apenas como uma lembrança de tempos passados e outros que perduram até os dias atuais, como por exemplo, o consumo da carne de alguns desses animais citado como um costume na região.

As percepções foram variadas, umas ainda carregadas de concepções negativas, como, considerar muitas espécies uma ameaça em vários sentidos. Mas percebe-se também que muitos já demonstram um certo esclarecimento e frases como, “esses bichos só atacam se forem ameaçados” ou “eles têm seu papel na natureza”, já apontam quebra de paradigmas,

A percepção dos entrevistados em relação à dinâmica populacional dos mamíferos na região, um dos principais objetivos desse estudo, apresentou-se acompanhada de uma consciência ambiental bastante importante. Ao mesmo tempo em que eles apontavam as espécies que tiveram suas populações aumentadas ou diminuídas ao longo do tempo, apontavam também as possíveis causas, como o desmatamento e a caça apontados como os principais fatores da diminuição populacional das espécies. E o contrário, ou seja, a recuperação de áreas desmatadas e a proibição da caça foram os fatores apontados no aumento populacional das espécies. Diante disso, o presente estudo possibilitou a identificação de comportamentos que podem ser moldados visando um desenvolvimento sustentável que garanta a conservação das espécies.

6- REFERÊNCIAS

ABBA, A. M., LIMA, E., SUPERINA, M. *Euphractus sexcinctus*. **The IUCN Red List of Threatened Species**, 2014, v. 2014, p. e. T8306A47441708.

ALLABY, M.. **Animals: from mythology to zoology**. Infobase Publishing, 2010.

ALMEIDA, D. S. **Recuperação ambiental da mata atlântica**. Editus, 2016.

ALMEIDA-JÚNIOR, J. E., NEVES, N. F., & SÃO PEDRO, V. D. A caça do jacaré-de-papo-amarelo: Uma perspectiva do sudoeste do estado de São Paulo. *In*: SILVA, N. F. N., SANTOS, L. D. L., MARTENSEN, A. C., FERREIRA, I. E. D. P. **Alternativas para o desenvolvimento sustentável do sudoeste paulista**, 2021, v. 1, n. 1, p. 172-185.

ALVES, R., BARBOSA, J. A., SANTOS, S. L., SOUTO, W., & BARBOZA, R. R.. Animal-based remedies as complementary medicines in the semi-arid region of northeastern Brazil. **Evidence-based complementary and alternative medicine**, 2011, v. 2011.

ALVES, R., MENDONÇA, L. E., CONFESSOR, M. V., VIEIRA, W. L., & LOPEZ, L. Hunting strategies used in the semi-arid region of northeastern Brazil. **Journal of ethnobiology and ethnomedicine**, 2009, v. 5, n. 1, p. 1-16.

ALVES, R. R. N. Relationships between fauna and people and the role of ethnozoology in animal conservation. **Ethnobiology and conservation**, 2012, v. 1.

ALVES, R. R. N., GONÇALVES, M. B. R., VIEIRA, W. L. S. Caça, uso e conservação de vertebrados no semiárido Brasileiro. **Tropical Conservation Science**, 2012, v. 5, n. 3, p. 394-416.

ALVES, R. R. N., ROSA, I. L., SANTANA, G. G. The role of animal-derived remedies as complementary medicine in Brazil. **BioScience**, 2007, v. 57, n. 11, p. 949-955.

ALVES, R. R. N., SANTANA, G. G., ROSA, I. L. The role of animal-derived remedies as complementary medicine in Brazil. In: **Animals in traditional folk medicine: implications for conservation**. Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg, 2012. p. 289-301.

ALVES, R. R. N., SOARES, T. C., DA SILVA MOURÃO, J. Uso de animais medicinais na comunidade de Bom Sucesso, Soledade, Estado da Paraíba, Brasil. **SITIENIBUS série Ciências Biológicas**, 2008, v. 8, n. 2, p. 142-147.

ALVES, R. R. N., SOUTO, W. M. S. Ethnozoology: a brief introduction. **Ethnobiology and conservation**, 2015, v. 4.

ALVES, R., SOUTO, W. Ethnozoology in Brazil: current status and perspectives. **Journal of ethnobiology and ethnomedicine**, 2011, v. 7, n. 1, p. 1-19.

ALVES, R. R. N., SOUTO, W. M. S., ALBUQUERQUE, U. P. Ethnzoology: conceptual and historical aspects. In: **Ethnzoology**. Academic Press, 2018.

ANACLETO, T. C. S. **Distribuição, dieta e efeitos das alterações antrópicas do Cerrado sobre os tatus**. Tese de Doutorado. Programa de Doutorado em Ciências Ambientais. Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2006, p. 139.

AURICCHIO, P., OLMOS, F. Northward range extension for the european hare *Lepus europaeus* Pallas 1778 (Lagomorpha-Leporidae) in Brazil. **Publicações Avulsas do Instituto Pau Brasil**, 1999, v. 2, n. 1, p. 1-5.

BAÍA JÚNIOR, P. C. **Caracterização do uso comercial e de subsistência da fauna silvestre no município de Abaetetuba, PA**. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Pará. Pará, 2006, p. 126.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016, p. 279. Disponível em: <<https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>>. Acesso em: 30 de out. 2022.

BEGOSSI, A., SILVANO, R. A. M., DO AMARAL, B. D., & OYAKAWA, O. T. Uses of fish and game by inhabitants of an extractive reserve (Upper Juruá, Acre, Brazil). **Environment, Development and Sustainability**, 1999, v. 1, n. 1, p. 73-93.

BERTASSONI, A., MOURÃO, G., RIBEIRO, R.C., CESÁRIO, C.S., OLIVEIRA, J.P.D., & BIANCHI, R. D. C. Movement patterns and space use of the first giant anteater (*Myrmecophaga tridactyla*) monitored in São Paulo State, Brazil. **Studies on Neotropical Fauna and Environment**, 2017, v. 52, n. 1, p. 68-74.

BLACK-DÉCIMA, P., ROSSI, R. V., VOGLIOTTI, A., CARTES, J. L., MAFFEI, L., DUARTE, J. M. B., & JULIÁ, J. P. Brown brocket deer *Mazama gouazoubira* (Fischer 1814). **Neotropical cervidology. Biology and medicine of Latin American deer**, , 2010, p. 190-201.

BOFFY, A. C. M., PINHEIRO, S. D., & BERGALLO, H. G. Bicho Preguiça (*Bradypus Variegatus*) do Parque Natural de Prainha, Rio de Janeiro. In: *Biodiversidade Carioca: segredos revelados*. Rio de Janeiro: **Editora de Livros Técnicos**, 2015. P. 418-431.

BONIFÁCIO, K. M., FREIRE, E. M. X., SCHIAVETTI, A. Cultural keystone species of fauna as a method for assessing conservation priorities in a Protected Area of the Brazilian semi-arid. **Biota Neotropica**, 2016, v. 16.

BONINO, N., COSSÍOS, D., MENEGHETTI, J. Dispersal of the European hare, *Lepus europaeus* in South America. **Folia Zoologica**, 2010, v. 59, n. 1, p. 9-15.

BRAGA, C., PINTO, L. C. L., MATEUS, M. B., & PIRES, M. R. S. Ethnozoology as complementary method to inventory medium and large-bodied mammals: the case study of Serra do Ouro Branco, Brazil. **Oecologia Australis**, 2018, v. 22, n. 1.

BRASIL. IBAMA. Instrução Normativa nº. 3/2013. **Diário Oficial da União**, 31.jan.2013.

BRASIL. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume I** -- 1. ed. -- Brasília, DF: ICMBio/MMA, 2018. Disponível em: < https://www.gov.br/icmbio/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/publicacoes-diversas/livro_vermelho_2018_vol1.pdf>. Acesso em 20 jan. 2024.

BRESSAN, P. M., KIERULFF, M. C. M., SUGIEDA, A. M. Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo. **São Paulo: Fundação Parque Zoológico de São Paulo, Secretaria do Meio Ambiente**, 2009.

BROWN, D. D., MOORE, M. A. SHORT COMMUNICATION Giant anteater (*Myrmecophaga tridactyla*) mothers may teach their calves what “not to eat”. **The Newsletter of the IUCN/SSC Anteater, Sloth and Armadillo Specialist Group**, 2018, p. 61.

BUSS, G., ROMANOWSKI, H. P. Estudo preliminar do monitoramento do bugio ruivo, *Alouatta guariba clamitans*, através da contagem de bolos fecais no parque estadual de Itapuã, Rio Grande do Sul, Brasil. **Behavioral Ecology Sociobiology**, 2002, v. 28, p. 55-60.

CAMILO-ALVES, C. S. P., MOURAO, G. M. Responses of a specialized insectivorous mammal (*Myrmecophaga tridactyla*) to variation in ambient temperature 1. **Biotropica: The Journal of Biology and Conservation**, 2006, v. 38, n. 1, p. 52-56.

CARMO, W., CARMO, M. D. G. Desmatamento, queimadas e ameaça de extinção da flora e fauna na Amazônia brasileira. **Revista Científica do Instituto Ideia**, 2019, v. 8, n.2, p. 55-59.

CEBALLOS, G., EHRLICH, P. R., BARNOSKY, A. D., GARCÍA, A., PRINGLE, R. M., & PALMER, T. M. Accelerated modern human-induced species losses: Entering the sixth mass extinction. **Science advances**, 2015, v. 1, n. 5, p. e1400253.

CESAR, M. O. **Sarcocystis sp Eliminados por Didelphis aurita e Didelphis albiventris (Gambás) de vida livre no Estado de São Paulo: Infecção Experimental em Periquitos Australianos (*Melopsittacus undulatus*) e Camundongos Balb/c nude**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011. p. 131.

CLAUZET, Mariana; RAMIRES, Milena; BEGOSSI, Alpina. Etnoictiologia dos pescadores artesanais da praia de Guaibim, Valença (BA), Brasil. **Neotropical Biology and Conservation**, 2007, v. 2, n. 3, p. 136-154.

COELHO, J. P. G., QUIRINO, A. M. S., DE ARAÚJO VIANA, R. P., & DE ALMEIDA, C. G. O uso de zooterápicos em uma comunidade na Caatinga pernambucana. **Revista Brasileira de Agroecologia**, , 2017, v. 12, n. 3, p. 202-209.

COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA DO ALTO PARANAPANEMA - CBH-ALPA. Relatório de Situação dos Recursos Hídricos da UGRHI-14 – Alto Paranapanema – 2021 – Ano Base 2020. 2021.

COSTA, D. S. S., ISQUERDO, A. N. Um estudo etnolinguístico de designativos para “gambá” no Brasil Central: contribuições do Projeto AliB. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, 2012, v. 41, n. 2, p. 779-792.

COSTA, E. M. M. Mamíferos de médio e grande porte no contexto de assentamentos rurais no norte de Mato Grosso. **Revista de Pesquisa em Políticas Públicas**,[S. l.], 2020.

COSTA, F. R., MOURA, P. H. A. G., ALVES-JÚNIOR, S. D. R., ROSA, P. S., & NUNES, I. Acoustic analysis of vocalization and the behavioral response associated to sound production of the nine banded armadillo *Dasypus novemcinctus* (Mammalia, Cingulata, Dasypodidae) in an agonistic context. **Papéis Avulsos de Zoologia**, 2022, v. 62, p. e202262018.

COSTA, M. D., FERNANDES, F. A. B. Primeiro registro de *Lepus europaeus* Pallas, 1778 (Mammalia, Lagomorpha, Leporidae) no sul do Estado de Minas Gerais e uma síntese dos registros conhecidos para o sudeste do Brasil. **Revista Brasileira de Zociências**, 2010, v. 12, n. 3.

COSTA-NETO, E. M. A Etnozoologia no Brasil: um panorama bibliográfico. **Bioikos**, 2000, v. 14, n. 2.

COSTA NETO, E. M. **Etnoentomologia no povoado de Pedra Branca, município de Santa Terezinha, Bahia. Um estudo de caso das interações seres humanos/insetos.** Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos 2003, p. 199.

CULLEN JR, L., BODMER, R. E., PÁDUA, C. V. Effects of hunting in habitat fragments of the Atlantic forests, Brazil. **Biological conservation**, , 2000, v. 95, n. 1, p. 49-56.

DA SILVA SANTOS, S., DE LUCENA, R. F. P., DE LUCENA SOARES, H. K., DOS SANTOS SOARES, V. M., SALES, N. S., & MENDONÇA, L. E. T.. Use of mammals in a semi-arid region of Brazil: an approach to the use value and data analysis for conservation. **Journal of ethnobiology and ethnomedicine**, 2019, v. 15, n. 1, p. 1-14.

DE ANDRADE MELO, É. R., GADELHA, J. R., DE NAZARÉ DOMINGOS DA SILVA, M., DA SILVA, A. P., & PONTES, A. R. M. Diversity, abundance and the impact of hunting on large mammals in two contrasting forest sites in northern amazon. **Wildlife Biology**, 2015, v. 21, n. 5, p. 234-245.

DE FARIA, G. M. M., ROSA, C. A., CASTRO CORRÊA, G. L., PUERTAS, F., OLARTE JIMÉNEZ, K. M., PERILLO, L. N., & PASSAMAMI, M. Geographic distribution of the European hare (*Lepus europaeus*) in Brazil and new records of occurrence for the Cerrado and Atlantic Forest biomes. **Mammalia**, 2016, v. 80, n. 5, p. 497-505.

DE LIMA, J. R. B., FLORÊNCIO, R. R., DOS SANTOS, C. A. B. Contribuições da Etnozoologia para a conservação da fauna silvestre. **Revista Ouricuri**, 2014, v. 4, n. 3, p. 48-67.

DE MELO, R. S., DA SILVA, O. C., SOUTO, A., ALVES, R. R. N., & SCHIEL, N.. The role of mammals in local communities living in conservation areas in the Northeast of Brazil: an ethnozoological approach. **Tropical Conservation Science**, 2014, v. 7, n. 3, p. 423-439.

DE OLIVEIRA VILELA, A. L., LAMIM-GUEDES, V. Aspectos da caça predatória de mamíferos no Parque Estadual Nova Baden, Lambari, Minas Gerais. **InterfacEHS**, 2017, v. 12, n. 1.

DE REZENDE JORDÃO, L., FALEIROS, R. R., DE AQUINO NETO, H. M. Animais de trabalho e aspectos éticos envolvidos: revisão crítica. **Acta Veterinaria Brasilica**, 2011, v. 5, n. 1, p. 33-40.

DE SOUZA, P. F., PORFIRIO, G., HERRERA, H. M. Perceptions and Attitudes of Urucum Settlement Residents about Local Wildlife. **Anthrozoös**, 2019, v. 32, n. 1, p. 117-127.

DE VIVO, M., CARMIGNOTTO, A. P., GREGORIN, R., HINGST-ZAHER, E., IACK-XIMENES, G. E., MIRETZKI, M., PERCEQUILLO, A. R., ROLLO, M. M., ROSSI, R.V. & TADDEI V. A. Checklist of mammals from São Paulo State, Brazil. **Biota Neotropica**, 2011, v. 11, p. 111-131.

DIAS, A. S. V. **The Neotropical otter in southeast Brazil: a socioecological approach**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa. Lisboa, 2016. p. 51.

DIAS, R. I., DOS REIS, B. E. Conhecer para conservar: reconhecimento da fauna nativa do cerrado por alunos do Distrito Federal. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, 2018, v. 13, n. 4, p. 260-280.

DO PRADO, D. O. P., RAMIRES, M. Resgate do conhecimento etnozooterápico da Comunidade Barra do Una (Peruíbe-SP). **Research, Society and Development**, 2020, v. 9, n. 12, p. e4539126111-e4539126111.

DOS SANTOS, M. D. C. P., & GIRALDIN, O. Etnozoologia no Brasil central: os animais na cultura do povo Iny/Javaé. **Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais**, 2021, v. 12, n. 10, p. 527-544.

DOTTA, G. **Diversidade de mamíferos de médio e grande porte em relação à paisagem da bacia do rio Passa-Cinco, São Paulo**. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo. Piracicaba, 2005, p. 134.

DUARTE, J. M. B., VOGLIOTTI, A., DOS SANTOS ZANETTI, E., DE OLIVEIRA, M. L., TIEPOLO, L. M., RODRIGUES, L.F., & DE ALMEIDA, L. B. Avaliação do risco de extinção do veado-catingueiro *Mazama gouazoubira* G. Fischer [von Waldhein], 1814, no Brasil. **Biodiversidade Brasileira**, 2012, v. 2, n. 1, p. 50-58.

ESTEVAM, C. S., GAIA, M. C. D. M. Concepção ambiental na educação básica: subsídios para estratégias de Educação Ambiental. **Acervo da iniciação científica**, 2014, n. 2.

FERNÁNDEZ, A., SORIGUER, R. C. Evaluación del empleo de estacas de madera como puntos de atracción para la liebre europea *Lepus europaeus* Pallas, 1778 en Navarra. **Galemys**, 2007, v. 19, n. 1, p. 23-34.

FRAGOSO, F., SAUINI, T., SAWAYA, R. J., DE TOLEDO, L. M., TARIFA, J. R., & RODRIGUES, E. Animais Medicinais utilizados por duas comunidades quilombolas da Mata Atlântica, Ubatuba, São Paulo, Brasil. **Etnobiología**, 2022, v. 20, n. 1, p. 97-115.

GALLO, J. A., ABBA, A. M., ELIZALDE, L., DI NUCCI, D., RIOS, T.A., & EZQUIAGA, M. C. First study on food habits of anteaters, *Myrmecophaga tridactyla* and *Tamandua*

tetradactyla, at the southern limit of their distribution. **Mammalia**, 2017, v. 81, n. 6, p. 601-604.

GARCIA, F. O. **Passagens de Fauna: um experimento para o mico-leão-preto** (*Leontopithecus chrysopygus*). Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciências Ambientais. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018, p. 69.

GARCIA, F. O; PRADO, B. H. S. Programa De Educação Ambiental Voltado à Conservação Do Mico-leão-preto: Estação Ecológica de Angatuba e seu entorno. In; A preservação do meio ambiente e o desenvolvimento sustentável 2. Ponta Grossa, PR: **Atena Editora**, 2019.

GAUDIN, T. J., HICKS, P., DI BLANCO, Y. *Myrmecophaga tridactyla* (pilosa: myrmecophagidae). **Espécies de Mamíferos** , 2018, v. 50, n. 956, p. 1-13.

GUIX, J. C. Onça-pintada ou jaguar? Sobre a utilização dos nomes populares de animais e plantas no Brasil. **Museu e Laboratório Zoológico e Antropológico (Museu Bocage)**, 1993.

HANAZAKI, N., ALVES, R., BEGOSSI, A. Hunting and use of terrestrial fauna used by Caiçaras from the Atlantic Forest coast (Brazil). **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 2009, v. 5, n. 1, p. 1-8.

HAYSEN, V. *Bradypus variegatus* (Pilosa: Bradypodidae). *Mammalian Species*, 2010, v. 42, n. 850, p. 19-32.

HEGEL, C. G. Z., MARINI, M. A. Impacto do javali, *Sus scrofa*, em um fragmento de Mata Atlântica brasileira. **Biologia Neotropical e Conservação** , 2013, v. 1, p. 17.

HENRY, R. O diagnóstico da qualidade das águas do rio Guareí (Angatuba, SP): uma cooperação Ensino Superior – Educação Básica. Botucatu: **FUNDIBIO**, 2012. p. 31-50.

ISHAQ, M., ADIL, S. Introduction of Ethnozoology - a review. **International Journal of Forest Sciences**, 2021.

JÚNIOR, J. S. S., OLIVEIRA, J. A., DIAS, P. A., & OLIVEIRA, T. G. "Update on the geographical distribution and habitat of the tapiti (*Sylvilagus brasiliensis*: Lagomorpha, Leporidae) in the Brazilian Amazon" *Mammalia*, 2005, vol. 69, no. 2, pp. 245-250.

LESSA, I. C. M. **O impacto de cães domésticos em uma Unidade de Conservação do Cerrado**. Tese de Doutorado. Instituto de Ciências Biológicas. Universidade de Brasília, Brasília, 2018, p.144.

LIMA, A. K. F., FELIPE, C. B., SILVA, G. M. Luz. Biologia reprodutiva de *Bradypus variegatus* Schinz (1825): desafios e perspectivas. **Revista Brasileira de Reprodução Animal**, v. 3-4, , 2018, p. 109-113.

LIMA, E. F. **Estrutura da comunidade de mamíferos de médio e grande porte em paisagem fragmentada com matriz de eucalipto, Capão Bonito e Buri-SP**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ecologia Aplicada, Centro de Energia Nuclear na Agricultura, Universidade de São Paulo-escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Piracicaba, 2012, p. 118. Disponível em:<
http://www.casadafloresta.com.br/img/publicacoes/P003_Lima_2013.pdf> Acesso em: 18 de out. 2022.

LISBOA, M. A. M. **Fandango do Miliano**. 1. ed. Itu: Ottoni, 2002.

LOSS, A. T. G., COSTA-NETO, E. M., FLORES, F. M. Ornitoáugures no povoado de Pedra Branca, Santa Teresinha, Estado da Bahia, Nordeste do Brasil. **Etnobiologia**, 2013, v. 11, n. 3, p. 45-53.

MACHADO, R. A. **Toxoplasmose em Javalis (*Sus Scrofa*) ferais no Estado de São Paulo**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias. Universidade Estadual Paulista, Jaboticabal. 2020, p. 43.

MAGIOLI, M. **Conservação de mamíferos de médio-grande porte em paisagem agrícola: estrutura de assembleias, ecologia trófica e diversidade funcional**. Tese de Doutorado, Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". Universidade de São Paulo. Piracicaba, 2013, p. 113.

MARCHINI, S., FERRAZ, K. M. P. M. B, ZIMMERMANN, A., GUIMARÃES-LUIZ, T., MORATO, R., CORREA, P. L., & MACDONALD, D. W. Planning for coexistence in a complex human-dominated world. **Human–wildlife interactions: Turning conflict into coexistence**, 2019, p. 414-438.

MASON, O. T. Aboriginal american zoötechny. **American Anthropologist**, 1899, p. 45-81.

MEDICI, E. P., VALLADARES-PADUA, C. B., RYLANDS, A. B., & MARTINS, C. S. Translocation as a metapopulation management tool for the black lion tamarin, *Leontopithecus chrysopygus*. **Primate Conservation**, 2003, v. 19, p. 23-31.

MEDRI, I. M. **Ecologia e história natural do tatu-peba, *Euphractus sexcinctus* (Linnaeus, 1758), no Pantanal da Nhecolândia, Mato Grosso do Sul**. Tese de Doutorado. Instituto de Biologia. Departamento de Ecologia. Universidade de Brasília, 2008, p. 187.

MEDRI, I. M., MOURÃO, G., HARADA, A. Y. Dieta de tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) no Pantanal da Nhecolândia, Brasil. **Edentata**, 2003, v. 5, p. 29-34.

MENDONÇA, L. E. T., SOUTO, C. M., ANDRELINO, L. L., SOUTO, W. D. M. S., DA SILVA VIEIRA, W. L., & ALVES, R. R. N.. Conflitos entre pessoas e animais silvestres no semiárido paraibano e suas implicações para conservação. **Sitientibus Série Ciências Biológicas**, 2011, v. 11, n. 2, p. 185-199.

MONTEIRO, C. H. B; PRADO, B. H. S; DIAS, A. C. Plano de manejo da Estação Ecológica de Angatuba. **Instituto Florestal, São Paulo**, 2009. Disponível em <https://arquivo.ambiente.sp.gov.br/consema/2011/11/oficio_consema_2009_056/Plano_de_Manejo_Estacao_Ecologica_Angatuba.pdf>. Acesso em: 18 de out. 2022.

MOREIRA, M. P., DE SOUZA, D. F., ANGELO, E. A. Conhecimento etnobiológico de uma comunidade rural como fonte de informação para material informativo-educativo. **Ethnoscintia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology**, 2020, v. 5, n. 1.

MORFORD, S., MEYERS, M. A. Giant anteater (*Myrmecophaga tridactyla*) diet survey. **Edentata**, , 2003, v. 5, p. 20-24.

MYERS, N., MITTERMEIER, R. A., MITTIERMEIER, C. G., DA FONSECA, G. A., & KENT, J. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature**, 2000, v. 403, n. 6772, p. 853-858.

NEGRÃO, M. F. F., VALLADARES-PÁDUA, C. Registros de mamíferos de maior porte na Reserva Florestal do Morro Grande, São Paulo. **Biota Neotropica**, 2006, v. 6.

NETO, N. A. L., ALVES, R. R. N. A Natureza sagrada do Candomblé: análise da construção mística acerca da Natureza em terreiros de candomblé no Nordeste do Brasil. **Interciencia**, 2010, v. 35, n. 8, p. 568-574.

NOWAK, R.M. Walker's Mammals of the World. 6 ed. Baltimore: **Johns Hopkins University Press**, 1999, p. 836.

OLIVEIRA, A. M. V. **Etnozoologia: uma ciência voltada para a conservação da biodiversidade**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Acadêmico em Ambiente e Sociedade. Universidade Estadual de Goiás. Morrinhos, 2020, p. 50.

OLIVEIRA, M. V. M. Prevendo o tempo em Tanquinho, Bahia. **SITIENIBUS série Ciências Biológicas**, 2006. v. 6, n. Especial, p. 120-124.

OZÓRIO, J. M. B., ROSSET, J. S., SCHIAVO, J. A., PANACHUKI, E., DA SILVA SOUZA, C. B., DA SILVA MENEZES, R., & MARRA, L. M. Estoque de carbono e agregação do solo sob fragmentos florestais nos biomas Mata Atlântica e Cerrado. **Brazilian Journal of Environmental Sciences (Online)**, 2019, n. 53, p. 97-116.

PAJUABA NETO, A. D. A., EZEQUIEL LIMONGI, J., PEIXOTO DA SILVA, V., & JUAN SZABÓ, M. P. Conhecimentos, atitudes e práticas sobre capivaras em áreas antropizadas indenes para febre maculosa: percepção da sociedade. **Hygeia: Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, 2019, v. 15, n. 34.

PASQUALOTTO, N., BAILEY, L. L., BOSCOLO, D., SILVA, T. S., RODRIGUES, N. T., SARANHOLI, B. H., & CHIARELLO, A. G. Determining abundance predictors of the European Hare (*Lepus europaeus*), a global invader in southeastern Brazil. **Journal of Mammalogy**, 2024, p. gyad130.

PAULA, M. D. S., ROCHA, M. B., RUTA, C. Etnoconhecimento e percepção ambiental dos pescadores artesanais de camarão sobre a pesca e a fauna acompanhante no norte do estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Etnobiología**, 2022, v. 20, n. 1, p. 188-205.

PEREIRA, J. P. R., SCHIAVETTI, A. Conhecimentos e usos da fauna cinegética pelos caçadores indígenas "Tupinambá de Olivença"(Bahia). **Biota Neotropica**, 2010, v. 10, p. 175-183.

PINTO, M. F., NASCIMENTO, J. L. J., DA NÓBREGA ALVES, R. R., & DE ANDRADE MEIRELES, A. J. Qual a relação entre etnozootologia e território?. **Revista Ouricuri**, 2013, v. 3, n. 2, p. 068-088.

PIRES, M. R. S., PINTO, L. C. L., MATEUS, M. B. Etnozootologia como instrumento para a conservação da fauna da Serra do Ouro Branco, Minas Gerais. **A etnozootologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas. Recife: NUPEA**, 2010, p. 473-493.

PISO, G., CARNEIRO, F., LEAL, M. L., RODRIGUES, E. S. M., & RODRIGUES, J. H. **História natural e médica da Índia Ocidental: em 5 livros**. Inst. Nacional do Livro, 1957.

PRADA, M., XAVANTE, P. C. The Role of the Xavante Indigenous People in Wildlife Conservation. **Ethnoscintia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology**, 2021, v. 6, n. 3, p. 63-73.

PRADO, D. P., ZEINEDDINE, G. C., VIEIRA, M. C., BARRELLA, W., & RAMIRES, M.. Preferências, tabus alimentares e uso medicinal de peixes na reserva de desenvolvimento sustentável Barra do Una, São Paulo. **Ethnoscintia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology**, 2017, v. 2, n. 1.

PRADO-ELIAS, A., DE ALMEIDA, N. S., RUAN-SOTO, F., BALTAZAR, J. M., & PEREIRA, L. T. “Não dá muda, não dá semente, como cresce?”: Conhecimento Etnomicológico de uma Comunidade Rural Caipira no Sudoeste Paulista. **Gaia Scientia**. 2024. V. 17(3) p.74-96.

PRADO, H. M., DA SILVA, R. C., SCHLINDWEIN, M. N., & MURRIETA, R. S. S. Ethnography, ethnobiology and natural history: narratives on hunting and ecology of mammals among quilombolas from Southeast Brazil. **Journal of ethnobiology and ethnomedicine**, 2020, v. 16, n. 1, pág. 1-14.

REIS, N. R., FILHO, H. O., & SILVEIRA, G. Mamíferos do Brasil. In: **Mamíferos do Brasil**. 2006. P. 437-437.

RIOS, A. B. M., CUNHA, J. F., ROCHA, E. C., & MACCAGNAN, D. H. B. Caracterização e notas etnozoológicas sobre os mamíferos de médio e grande porte em uma área de proteção ambiental do Cerrado goiano. **Multi-Science Journal**, 2019, v. 2, n. 2, p. 1-8.

ROCHA-MENDES, F., KUCZACH, A. M. Conhecimentos tradicionais sobre a mastofauna da região do Cânion do Guartelá, Estado do Paraná, sul do Brasil. **Sitientibus série ciências biológicas**, 2007. v. 7, n. 4, p. 323-333.

ROCHA-MENDES, F., MIKICH, S. B., BIANCONI, G. V., & PEDRO, W. A. . Mamíferos do município de Fênix, Paraná, Brasil: etnozologia e conservação. **Revista Brasileira de Zoologia**, 2005, v. 22, p. 991-1002.

RODRÍGUEZ, K. V. C. **Estudo dos aspectos demográficos da onça-parda (*Puma concolor*) na Estação Ecológica de Itirapina no estado de São Paulo por meio da análise de amostras não invasivas**. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013. p. 89.

RODRIGUES, T. F. **Ocupação de paisagens dentro e fora de unidades de conservação pelo veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira* Fischer, 1814) no nordeste paulista**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2015, p. 56.

RUSCA, G. G., DE MORAES, M. C. P., VALENTE, R. A., & PIÑA-RODRIGUES, F. C. M.. Análise espacial dos fragmentos florestais no entorno de uma unidade de conservação de proteção integral. **Brazilian Journal of Environmental Sciences (Online)**, 2017, n. 44, p. 85-94.

SABATINI, V., DICKFELDT, E. P., DE SOUZA EVANGELISTA, S. A., & DE OLIVEIRA, P. R. Registro de javalis europeus (*Sus scrofa* Linnaeus, 1758) no entorno do Parque Estadual de Vassununga, estado de São Paulo, Brasil. **Revista do Instituto Florestal**, 2020, v. 32, n. 1, p. 103-110.

SANTI, T., PRADO, H. M. Etnoecologia e o campesinato no sudoeste paulista: práticas tradicionais e saber ambiental em perspectiva. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, 2022, v. 59.

SANTOS-FITA, D., COSTA-NETO, E. M. As interações entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozologia. **Biotemas**, , 2007, v. 20, n. 4, p. 99-110.

SÃO PAULO. **Lei nº 16.784, de 28 de junho de 2018**. Proíbe a caça no Estado de São Paulo e dá outras providências. Assessoria Técnica da Casa Civil, em 28 de junho de 2018. 2018, p.1. Disponível em: < <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2018/lei-16784-28.06.2018.html>>. Acesso em: 07 de abr. 2024.

SAX, B. **The mythological Zoo: An encyclopedia of animals in world myth, legend and literature**. ABC-CLIO, Inc., Santa Barbara, 2002.

SEIXAS, C. S., BEGOSSI, A. Ethnzoology of fishing communities from Ilha Grande (Atlantic forest coast, Brazil). **Journal of Ethnobiology**, 2001, v. 21, n. 1, p. 107-135.

SILVA, A. L. Animais medicinais: conhecimento e uso entre as populações ribeirinhas do rio Negro, Amazonas, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, 2008, v. 3, p. 343-357.

SILVA, C. A., SANTILLI, G., SANO, E. E., & LANEVE, G. Fire occurrences and greenhouse gas emissions from deforestation in the Brazilian Amazon. **Remote Sensing**, 2021, v. 13, n. 3, p. 376.

SILVA, K. F. M. **Ecologia de uma população de tatu-galinha (*Dasypus septemcinctus*) no Cerrado do Brasil Central**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Biologia. Departamento de Ecologia. Universidade de Brasília, 2006. p. 43.

SILVA, V. M. F., BEST, R. C. Freshwater dolphin/fisheries interaction in the Central Amazon (Brazil). **Amazoniana: Limnologia et Oecologia Regionalis Systematis Fluminis Amazonas**, 1996, v. 14, n. 1/2, p. 165-175.

SOLÍS, L; CASAS, A. Cuicatec ethnozoology: traditional knowledge, use, and management of fauna by people of San Lorenzo Pápalo, Oaxaca, Mexico. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 2019, v. 15, n. 1, p. 1-16.

STEARNS, R. E. C. **Ethno-conchology: a study of primitive money**. US Government Printing Office, 1889.

TAULMAN, J. F. Observations of nest construction and bathing behaviors in the nine-banded armadillo, *Dasypus novemcinctus*. **The Southwestern Naturalist**, 1994, v. 39, n. 4, p. 378-380.

TORICELLI, B. **Expedição Campina dos Leites: uma construção participativa sob a ótica do jovem morador local**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Conservação da Fauna. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2018, p. 99.

VANDER VELDEN, F. A doença comunista e a sopa de morcegos. Sobre tráfico de animais, orientalismo e pandemia. **Campos-Revista de Antropologia**, 2021, v. 22, n. 1, p. 214-241.

VERSIANI, N. F., BAILEY, L. L., PASQUALOTTO, N., RODRIGUES, T. F., PAOLINO, R. M., ALBERICI, V., & CHIARELLO, A.G. Áreas protegidas e estradas não pavimentadas medeiam o uso do habitat do tamanduá-bandeira em paisagens antrópicas. **Revista de Mammalogia**, 2021, v. 102, n. 3, p. 802-813.

VOGLIOTTI, A. **História natural de Mazama bororo (Artiodactyla; Cervidae) através de etnozootologia, monitoramento fotográfico e rádio-telemetria..** Tese de Doutorado. Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo. Piracicaba, 2003, p. 113.

WOLVERTON, S., NOLAN, J. M., AHMED, W. Ethnobiology, political ecology, and conservation. **Journal of Ethnobiology**, 2014, v. 34, n. 2, p. 125-152.

XAVIER, G A. A. DE MIRANDA MOURÃO G., COSTA, J. F, & DE MORAES-BARROS, N. **Avaliação do risco de extinção de *Bradypus variegatus* Schinz, 1825 no Brasil.** Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - Brasília, DF: ICMBio, 2015, p. 250.

APÊNDICE A – Modelo do questionário semiestruturado que será usado nas entrevistas.

Questionário

Dados pessoais

Nome.....

Idade.....

Dados socioeconômicos

Escolaridade.....

Profissão.....

Trabalho.....

Em que bairro mora?

Há quanto tempo reside no bairro?

Utilizando o material de apoio (fotos dos mamíferos) perguntar ao respondente:

1- Quais mamíferos você já avistou nesta região?

As próximas perguntas serão feitas para cada espécie que o respondente diz ter avistado

2- Qual a última vez em que avistou ou viu sinais deste animal?

3- Com que frequência você avista (ou avistava) esse animal? (importante que o respondente defina com qual frequência ele avista a espécie)

4- Existe um período do dia ou época do ano em que é mais fácil ver esse animal?

5- Quais os lugares que você frequentemente avista esses animais? (dentro da mata, pasto, próximo ao rio, plantação, em cima da árvore...)

Procurar saber se o respondente sabe identificar vestígios dos animais que ele conhece.

6- Você sabe identificar o som ou sinais deixados por esse animal (aqui a pergunta se repete para cada animal que ele diz conhecer), como fezes, rastros, cheiros, arranhados em troncos, tocas, ninhos etc.?

Perguntas sobre as diferentes relações das pessoas com os animais

7- Você já consumiu a carne de algum(s) destes animais? Se sim, quando foi a última vez?

8- Você sabe se a caça de algum deles ainda é praticada na região? Que métodos são usados?

9- Você sabe se alguma parte desses animais (carne, pelos, casco, gordura...) é usada para alguma finalidade medicinal ou simpatia?

10- Você conhece alguma história (lenda) sobre esse animal? (que influencia no tratamento para a espécie, pode ser positivo ou negativo)

Quais os impactos que os animais trazem para a comunidade segundo os entrevistados

11- Saberá me dizer se esses animais trazem algum prejuízo para vocês moradores daqui do bairro? Que tipo?

12- Você acha que esses animais podem transmitir alguma doença para humanos e animais domésticos? Quais?

13- Você acha que algum desses animais pode atacar as pessoas?

Questões sobre o fator tempo

14- Você acha que algum desses bichos diminuiu em quantidade ou desapareceu ao longo do tempo?

15- Você acha que algum desses bichos aumentou em quantidade ao longo do tempo ou só apareceu mais recentemente?

Quais os fatores que o entrevistado acha que impacta na fauna da região

16- O que você acha que pode ter causado a diminuição em quantidade ou o desaparecimento dessa espécie? (Caça, desmatamento)

17- Onde naturalmente ocorria (você avistava) essa espécie? Esse lugar passou por mudanças na paisagem?

18- Por qual motivo você acha que essa espécie começou a ser mais comum (mais avistada)?

APÊNDICE B - Material auxiliar com imagens dos mamíferos da região



5



6



7



8



9



10

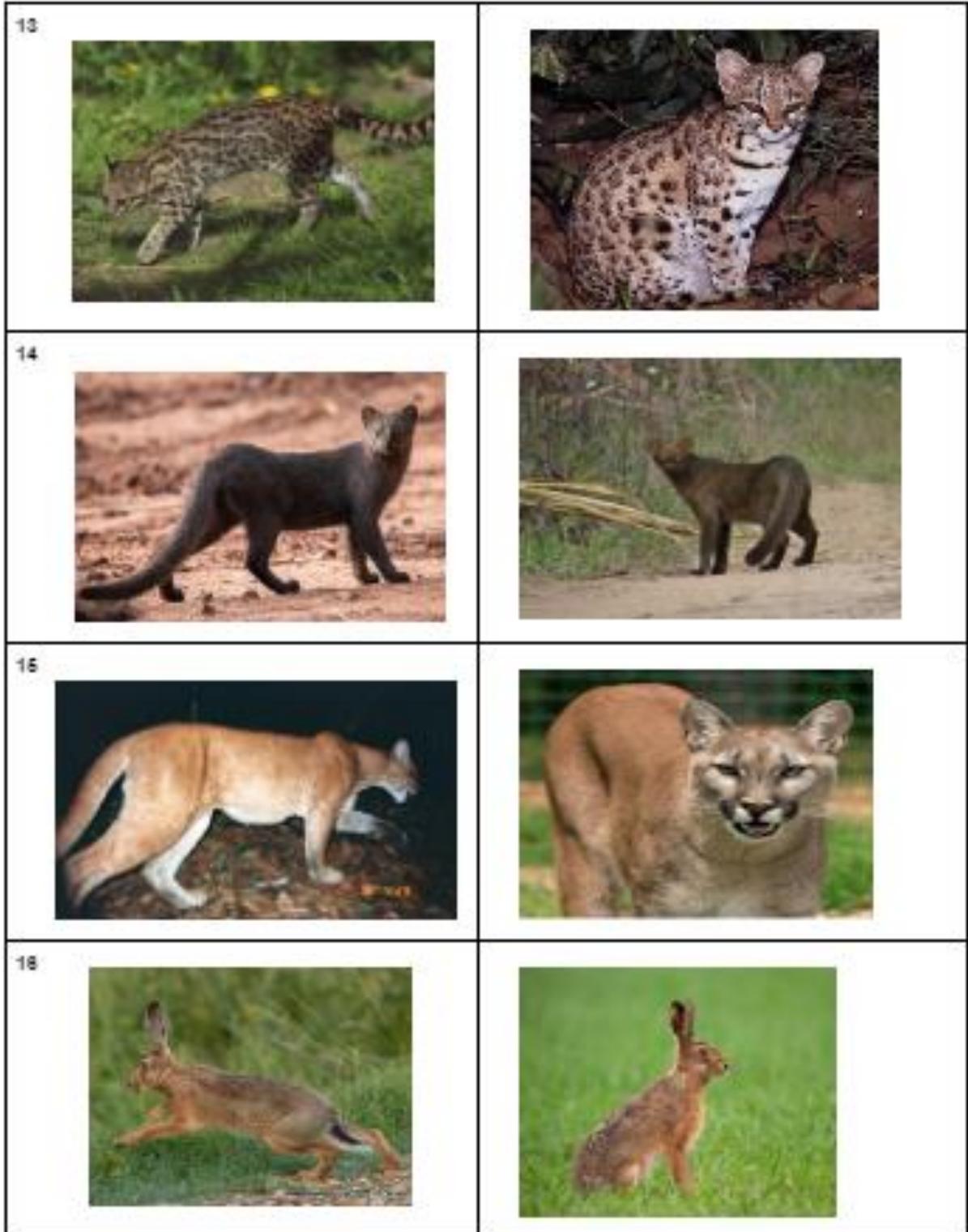


11



12





17



18



19



20



21



22



23



24



26



28



27



28



29



30



31



32





Fonte. Autoria própria.

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CONSERVAÇÃO DE FAUNA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução CNS 510/2016)

Eu, Ismael Correa Rocha, estudante do Programa de Pós-Graduação em Conservação de Fauna da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar o (a) convido a participar da pesquisa “Percepção da diversidade local de mamíferos por comunidades rurais na sub-bacia do rio Guareí, sudoeste de São Paulo” orientada pelo Prof. Dr. Vinícius de Avelar São Pedro. O objetivo da pesquisa é, através de entrevistas semiestruturadas, investigar o conhecimento da fauna de mamíferos por moradores de comunidades rurais próximas ao rio Guareí, com especial atenção à percepção destes sobre a composição de espécies e como esta varia no espaço geográfico e ao longo do tempo.

As questões abordadas visarão compreender e classificar os tipos de relação entre a população e a mastofauna da região. As entrevistas poderão durar entre 40 e 50 minutos, serão gravadas em áudio e as respostas serão registradas em uma planilha com o questionário.

A entrevista será individual e as respostas serão tratadas de forma confidencial, respeitando o sigilo da informação do entrevistado. Caso alguma frase seja muito importante e precise ser citada, o entrevistado será consultado e seu nome só será divulgado (citado) caso ele permita, se não, será tratado como anônimo. Os dados coletados poderão ter seus resultados divulgados em eventos, revistas e/ou trabalhos científicos, mas sem mencionar nomes ou dados que permitam a identificação dos participantes.

Você poderá desistir a qualquer momento durante a entrevista. A desistência não acarretará em nenhum tipo de prejuízo ou punição. Caso desista de participar durante a aplicação do questionário, sua decisão será respeitada e os seus dados serão apagados.

As perguntas não serão invasivas à intimidade dos participantes, entretanto, esclareço que a participação na pesquisa pode gerar estresse e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais.

Sua participação nessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a conservação da biodiversidade, incluindo a da própria região de estudo.

Solicito sua autorização para gravação em áudio das entrevistas. As gravações realizadas durante a entrevista semiestruturada serão transcritas pelo pesquisador, garantindo que se mantenha o mais fidedigno possível. Depois de transcrita será apresentada aos participantes para validação das informações.

Você receberá uma via deste termo, rubricada em todas as páginas por você e pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, bem como desistir de participar da pesquisa, agora ou a qualquer momento.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob número XXXXX, que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP)** da UFSCar que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luís km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-SP. Telefone: (16) 3351-9685. E-mail: cephumanos@ufscar.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)** do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Dados para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisador Responsável: Ismael Correa Rocha

Endereço: Sítio São Roque, Bairro Arealzinho, Angatuba -SP

Contato telefônico: (15) 996705960

E-mail: ismaelcorrearochoa@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e data:

Nome do Pesquisador

Nome do Participante

